



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea

CARINE DE MIRANDA SANTOS

**JOVENS DE FAMÍLIAS DE CLASSES POPULARES DE SALVADOR E
SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VIOLÊNCIA
APRESENTADA NO TELEJORNALISMO POLICIAL.**

Salvador

2016

CARINE DE MIRANDA SANTOS

**JOVENS DE FAMÍLIAS DE CLASSES POPULARES DE SALVADOR E
SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VIOLÊNCIA
APRESENTADA NO TELEJORNALISMO POLICIAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Família.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mary Garcia Castro.

Salvador

2016

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

S237 Santos, Carine de Miranda.

Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial/ Carine de Miranda Santos.– Salvador, 2016.
124 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Mary Garcia Castro.

1. Representação Social 2. Juventude – Salvador – Bahia
3. Telejornalismo policial 4. Violência urbana I. Título.

CDU 316.774-053.6(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

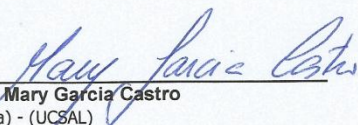
Carine de Miranda Santos

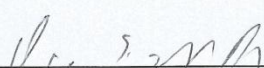
**“Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas
representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo
policial.”**

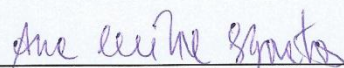
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 04 de novembro de 2016.

Banca Examinadora:


Prof.ª. Dr.ª. Mary Garcia Castro
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho - (UFRB)


Prof.ª. Dr.ª. Ana Cecília de Souza Bittencourt Bastos - (UCSAL)

À Alice, minha doce e amada filha.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos dedicando boa parte do meu tempo às reflexões que deram vida a este trabalho. Para que esta caminhada fosse possível, algumas pessoas foram fundamentais. Neste momento desejo agradecer profundamente:

Já ouvi muitas críticas sobre o agradecimento a Deus em trabalhos acadêmicos, mas foi a quem mais recorri nestes dois anos e é a quem recorro em todos os momentos. Portanto, agradeço a Deus, por sua presença constante em minha vida.

À minha mãe Terezinha, pelo apoio, compreensão, carinho e constantes palavras de incentivo, que me impulsionaram a superar todos os obstáculos.

Ao meu marido Ismar, pelo amor oferecido e por dividir comigo todas as alegrias e dificuldades dessa fase. Compreendendo as minhas ausências e excessos de trabalho.

Aos meus jovens alunos (as), tão presentes em minha vida. Agradeço toda a inspiração que motivou a realização desta pesquisa.

À minha orientadora Mary Castro, tão sensível e cuidadosa durante todas as etapas desta pesquisa. Agradeço pelos ensinamentos compartilhados, pela inspiração gerada por toda uma vida acadêmica dedicada às juventudes. Obrigada por acreditar a todo instante na importância deste trabalho.

À direção do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, pela gentileza em autorizar a realização da pesquisa entre os seus estudantes.

Aos meus irmãos Arivaldo e Tarcísio, que mesmo distantes fisicamente, se fizeram presentes em palavras de conforto e declarações de confiança no meu trabalho.

À minha cunhada Jocelma, pela doce capacidade de me acalmar.

À minha cunhada Érica, pelas valiosas reflexões inspiradas em suas experiências com pesquisas.

À minha amiga Carla, grande incentivadora do meu retorno à vida acadêmica. Por estar sempre pronta a me ajudar.

Agradeço à Márcia, Marly e Tatiane Lima, por todas as conversas e presenças, tanto nos momentos de alegrias como nos dias em que as tarefas diárias pareciam tomar conta de mim. A rotina ficou mais leve ao lado delas.

À Jaqueline, Tatiana Botelho e Viviane, amigas de longa data que se fizeram presentes mesmo com toda a dificuldade do dia a dia. Agradeço por existirem em minha vida.

Às colegas de trabalho Silvia, Fabiana e Elisângela que mesmo sem saber, ofereceram-me conforto nos momentos difíceis.

A todos (as), deixo o mais profundo sentimento de gratidão.

Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber
Eu tenho um coração
Eu tenho ideais

Eu gosto de cinema
E de coisas naturais
E penso sempre em sexo, oh yeah!
Todo adulto tem inveja dos mais jovens
A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está
Eu não sei, eu não sei

Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião
Me compram, me vendem, me estragam
E é tudo mentira, me deixam na mão
Não me deixam fazer nada
E a culpa é sempre minha, *oh yeah!*
E meus amigos parecem ter medo

De quem fala o que sentiu
De quem pensa diferente
Nos querem todos iguais
Assim é bem mais fácil nos controlar
E mentir, mentir, mentir
E matar, matar, matar
O que eu tenho de melhor: minha esperança
Que se faça o sacrifício
E cresçam logo as crianças.

Legião Urbana: Aloha

SANTOS, Carine de Miranda. **Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial.** 145 p. 2016. Dissertação (Mestrado em Família) Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as representações sociais que os jovens de famílias de classes populares de Salvador fazem das violências que são apresentadas pelos telejornais de conteúdo policial. Para tanto, pesquisamos referências sobre as representações sociais, a juventude contemporânea de classes populares e o telejornalismo policial no Brasil, sua trajetória e configuração atual. A pesquisa foi realizada com base em métodos quantitativos e qualitativos. Utilizamos como campo de investigação um Colégio Estadual localizado no bairro de Cajazeiras, tradicional bairro popular de Salvador. Examinamos cerca de 190 questionários objetivos, nove edições dos telejornais “Ronda” e “Que Venha o Povo” da emissora Aratu, e “Balanço Geral” da TV Itapuã, além, de seis grupos focais, que foram fundamentais para que ouvíssemos as falas dos jovens envolvidos. Através dos questionários, foi possível conhecer os jovens, as condições socioeconômicas de suas famílias e seus costumes e hábitos em relação à audiência dos telejornais. As análises audiovisuais dos telejornais foram fundamentais para que conhecêssemos os conteúdos, discursos e violências que são apresentadas pelos programas. Ouvir os jovens através dos grupos focais permitiu a compreensão de suas representações sociais sobre a violência que é noticiada pelo telejornalismo policial de Salvador.

PALAVRAS-CHAVES: Representação Social, Juventude, Telejornalismo Policial, Violência Urbana.

SANTOS, Carine de Miranda. **Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial.** 145 p. 2016. Dissertação (Mestrado em Família) Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador.

ABSTRACT

This dissertation investigates social representations through young and poor people discourses on violence that are presented by police newscast content in Salvador, Brazil. Therefore, researches about social representations, contemporary youth of popular classes and the police newscast in Brazil, its history and current configuration were made. The research was based on quantitative and qualitative methods and the research field took place at a state school located in "Cajazeiras", a popular neighborhood in Salvador. We examined 190 questionnaires, 9 editions of TV newscast called "Ronda" and "Que Venha o Povo" of "TV Aratu" broadcast and "Balanço Geral" of "TV Itapuã" broadcast and conducted six focal groups to listen to the speeches of the young people involved. Through questionnaires, it was possible to know young people demographic data, socio-economic conditions of their families, their customs and habits in relation to the news hearing. Audiovisual analysis of TV programs were essential to be acquainted with contents, speeches and violence that are presented by the TV. Listening to these young people through the focal groups allowed a better understanding of their social representations of violence that are reported by the police newscast in Salvador.

Keywords: Social Representation, Youth, Police Newscast, Urban Violence.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Programa Linha Direta	60
IMAGEM 2: Repórter Gil Gomes	61
IMAGEM 3: Bonde do maluco	73
IMAGEM 4: Corpo retirado de um carro	83

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Idade dos jovens	51
GRÁFICO 2: Sexo.....	51
GRÁFICO 3: Raça.....	52
GRÁFICO 4: Bairro	53
GRÁFICO 5: Responsável pelo jovem	54
GRÁFICO 6: Escolaridade da mãe	55
GRÁFICO 7: Escolaridade do pai.....	55
GRÁFICO 8: Residência	56
GRÁFICO 9: Renda familiar	57
GRÁFICO 10: Quantidade de moradores na residência	57
GRÁFICO 11: Meio de informação mais utilizado	58
GRÁFICO 12: Tempo em que assiste televisão.....	58
GRÁFICO 13: Conhece o telejornalismo policial?.....	59
GRÁFICO 14: Já assistiu ao telejornalismo policial?	59
GRÁFICO 15: Frequência com que assiste ao telejornalismo policial.....	59

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Telejornais, edições e notícias	69
TABELA 2: Informações básicas dos Grupos Focais	91
TABELA 3: Distribuição das falas dos jovens por categoriais	92

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CONSTRUTORES DA PESQUISA.....	18
3. UMA APROXIMAÇÃO ENTRE TEORIA DA COMUNICAÇÃO DE MASSA E CIÊNCIAS SOCIAIS.....	24
4. COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	31
4.1 Representação Social e Comunicação de Massa.....	34
5. REFLEXÕES SOBRE A JUVENTUDE	39
5.1 Juventudes das periferias contemporâneas.....	40
5.2 A violência como inibidora dos sonhos juvenis	42
5.3 Violência Midiatizada.....	45
5.4 Jovens de famílias de classes populares	46
5.4.1 Quem são os sujeitos da pesquisa?.....	49
6. TELEJORNALISMO POLICIAL.....	60
6.1 Cobertura baiana: “A vida como ela é?”	63
6.1.1 Análise áudio visual dos programas “Ronda”, “Que Venha o Povo”, e “Balanço Geral”.....	68
7. O QUE DIZEM OS JOVENS?	89
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
9. REFERÊNCIAS.....	109
10. APÊNDICE	114
10.1: Carta de Autorização da Instituição Escolar	114
10.2: Termo de Autorização dos Pais.....	116
10.3: Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento para menores	117
10.4: Questionário	118
10.5: Roteiro do Grupo Focal	121
11. ANEXOS	123
11.1: Aprovação do Comitê de Ética	123

1. INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é conhecer as representações sociais que os jovens de famílias de bairros periféricos de Salvador fazem da violência transmitida pelo telejornalismo policial. Ao refletir sobre o que me motivou a pesquisar tal questão, vieram-me à mente, determinadas experiências que tive como professora da rede pública de Salvador. O meu dia a dia está diretamente ligado às questões, às vivências e às realidades que envolvem os jovens de bairros populares onde trabalho. As experiências são muitas, pois a violência se faz presente em diferentes aspectos da vida desses indivíduos e ganham uma amplitude espantosa na contemporaneidade.

Inúmeros são os referenciais que ajudam esses jovens a construírem as suas representações sociais sobre a violência urbana. Esse processo é dinâmico e leva em consideração todo o contexto sociocultural, os relacionamentos, as vivências e as experiências que são construídas socialmente, aonde os meios de comunicação de massa exercem um importante papel nesse processo. Assim, telejornais policiais têm se mostrado como um fenômeno que contribuem, enormemente, para a construção das impressões, opiniões e sentimentos que essa juventude tem em relação à violência.

Na capital baiana os programas de telejornalismo policial ganharam no ano de 2012 mais espaço nas emissoras locais, passando a compor a grade de horários em dois turnos, no final da manhã e no final da tarde, horários em que os jovens, normalmente, estão voltando das escolas. Esses telejornais apresentam reportagens que dramatizam os acontecimentos ligados à violência e são acompanhadas pelos discursos e posicionamentos pessoais de apresentadores que recorrem a comentários preconceituosos, intolerantes e estigmatizadores dos jovens envolvidos em violências na cidade de Salvador.

Esse formato de programa não é novo. Uma das primeiras tentativas em fazer um programa de televisão que se aproximasse de questões polêmicas ligadas ao

cotidiano das pessoas, envolvendo escândalos e violência, foi o programa “O Povo na TV”, na emissora do SBT na década de 80. Desde então, foram produzidos muitos outros formatos de programas que buscam explorar a questão da violência. Segundo o Jornalista Carlos Amorim, especialista em programas investigativos, em entrevista ao “Ver TV¹” (12/07/2013) nos últimos anos, apesar da programação a nível nacional como o “Cidade Alerta” (Record) e o “Brasil Urgente” (Band) ainda fazerem sucesso entre os telespectadores, observa-se que têm crescido o número de programas a nível local em diferentes cidades brasileiras. Cidades como Salvador, que chegou a ter seis programas nesse formato entre os anos de 2012 e 2014.

A maior motivação para esta pesquisa surgiu durante algumas aulas de Sociologia, quando percebi entre os estudantes, jovens entre 13 e 17 anos, que existia um grande interesse pelas notícias apresentadas pelos telejornais policiais transmitidos na cidade de Salvador. Em umas das aulas foi oferecido para leitura e discussão, um artigo da pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Malu Fontes (2012), que trazia questões relativas ao “mundo de cão”, mundo de violência que é retratado pelos telejornais. O interesse pelo tema foi imediato e logo surgiram os discursos de alguns jovens e suas impressões sobre a violência que é apresentada pelos telejornais. Alguns repetiam a frase transmitida por um dos apresentadores: “Esses programas mostram a vida como ela é”. A partir de então, surgiram alguns questionamentos que incentivaram a realização desta pesquisa: Que realidade é transmitida? O que esses jovens pensam sobre as violências que são transmitidas pelo telejornalismo policial?

Delimitamos como objetivo principal deste trabalho a análise das representações sociais de jovens de famílias de classes populares de Salvador sobre a violência na cidade tendo como referência as notícias veiculadas nos telejornais que tratam da criminalidade. Estabelecemos como objetivos secundários:

¹ Programa semanal que discute as funções, a programação, os avanços tecnológicos e as questões éticas de uma TV de qualidade comprometida com a cidadania. Apresentado pelo sociólogo e jornalista Lalo Leal, pesquisador na área de políticas da Comunicação e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Domingo às 22h na TV Brasil. <http://tvbrasil.ebc.com.br/vertv>

Investigar qual a popularidade dos telejornais que tratam da criminalidade entre os jovens; analisar as mensagens que são transmitidas por esses programas que venham a contribuir para o desenvolvimento de estereótipos e preconceitos; analisar se a violência exposta pelos programas de telejornalismo policial favorece a baixa-estima e a descrença em futuro melhor entre os jovens dos bairros periféricos de Salvador; compreender se existe um sentimento de naturalização da violência entre os sujeitos pesquisados.

Para que pudéssemos alcançar tais objetivos, estudamos referências sobre a comunicação de massa, as representações sociais, a violência que atinge a juventude de famílias pobres contemporâneas e o histórico do telejornalismo policial no Brasil. Essas reflexões são apresentadas durante os primeiros capítulos. Após as discussões teóricas, realizamos a pesquisa empírica baseada em métodos qualitativos e quantitativos que foram fundamentais para que conhecêssemos ainda mais o universo juvenil dos bairros populares, a estrutura, as notícias e os discursos dos telejornais e as representações desses jovens sobre a violência noticiada.

2. CONSTRUTORES DA PESQUISA

Neste capítulo delineamos o caminho metodológico, com ênfase na estrutura da pesquisa empírica. Partimos das seguintes hipóteses: os jovens de classes populares de Salvador assistem aos telejornais policiais; o telejornalismo policial baiano não oferece referências positivas que respeitem as potencialidades dos jovens estudantes de bairros populares de Salvador; Tais programas acentuam o sentimento de naturalização da violência entre os jovens de famílias de classes populares de Salvador. Para a elucidação dessas hipóteses fizemos uma investigação empírica buscando analisar as experiências, opiniões, discursos e representações dos pesquisados a cerca da violência que é televisionada. Para conhecermos tais construtos utilizamos como campo de investigação o Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, localizado no bairro de Cajazeiras que atendem a estudantes do Ensino Médio, no turno do diurno, com idades entre 13 e 17 anos.

Durante a pesquisa utilizamos o método qualitativo, buscando “pistas” para entender as representações das pessoas no seu mundo vivencial, interpretando os fenômenos e atribuindo-lhes significados (Bauer e Aarts, 2002) e o método quantitativo, já que pretendíamos levantar dados sobre a audiência dos programas, tipos de violências mais noticiadas e características socioeconômicas das famílias dos jovens pesquisados.

Os instrumentos utilizados durante a pesquisa foram: análise de meios audiovisuais; questionários objetivos e grupos focais. Com o intuito de manter a organização dos estudos, dividimos a pesquisa em três fases que não foram distintas. Cada fase teve o objetivo de contribuir para o bom desenvolvimento das outras na busca pela compreensão das representações dos jovens de classes populares a respeito da violência apresentada pelo telejornalismo.

1ª Fase

Decidimos pela técnica de análise audiovisual para que pudéssemos conhecer os telejornais policiais de Salvador, as características que os aproximam e as distinguem, bem como as representações que podem gerar entre os jovens.

Decidimos por investigar três telejornais: “Ronda” e “Que Venha o Povo” do SBT; e “Balanço Geral” da Record.

A estratégia de análise audiovisual é denominada por Diana Rose (2002) como “imagens em movimento”. Segundo Rose, a investigação de meios audiovisuais envolve um complexo de sentidos, imagens, discursos, técnicas e composições de cenas. O nosso objetivo foi saber quais os programas que estão no ar em 2016, horários de apresentação, formato, conteúdo, discursos e posicionamentos dos apresentadores, além de conhecermos quais as violências que são noticiadas e como são oferecidas aos telespectadores. Para tanto, analisamos três edições de cada telejornal escolhido.

Esclarecemos que o objeto central da nossa pesquisa não é a análise dos telejornais com uma visão jornalística, portanto, não nos preocupamos com estudos aprofundados a respeito dos conteúdos e formatos em que são organizadas as notícias, blocos e recursos. Não se trata de uma pesquisa com orientações de análise jornalísticas, mas sim, sobre as representações dos jovens. Assim, assistimos as edições dos telejornais com o objetivo de melhor compreender as representações sociais que eles geram nos sujeitos pesquisados.

Como já mencionado, segundo Rose (2002), o processo de analisar as falas e imagens em movimento não é uma tarefa simples. Dificilmente alcançaríamos a total realidade dos fatos. Logo, algo pode ter sido perdido ou não compreendido. É um trabalho minucioso de observar e ouvir o que está sendo apresentando ao público. Ao todo foram nove edições exaustivamente analisadas. A escolha das datas das edições não segue um padrão pré-determinado. Assistimos às edições nos dias que nos foram convenientes entre os meses de fevereiro e agosto deste ano. Buscamos transcrever, sempre que possível, os elementos que compõem as falas, gestos e sons que deixam transparecer as mensagens que os telejornais desejam transmitir da violência. Mensagens que muitas vezes não comunicam apenas a ocorrência de um fato, de uma violência, também deixa manifestar uma opinião, um discurso de preconceito e visões estereotipadas da juventude de famílias pobres de Salvador.

Na difícil tarefa de compreendermos como funciona a rotina dos telejornais policiais de Salvador, definimos alguns pontos chaves que nos ajudaram no processo de análise audiovisual dos telejornais:

Formato:

- Diz respeito à configuração e estrutura dos telejornais policiais;
- Público a quem é endereçado o telejornal;
- Análise do ritmo e dinâmica que buscam provocar a sensação de dinamismo através dos tons de vozes dos apresentadores, vinhetas e trilhas sonoras;
- Recursos de interação com o público (Telefone, E-mail, Whatsapp, etc.)

O formato é um modo de fazer alguma coisa, de construir uma interação televisual em determinados ângulos, segundo tais lógicas, e que se desenrola conforme uma variedade de estratégias no quadro de determinadas regras de funcionamento. (BRAGA, 2007, p. 98).

Conteúdo:

- As notícias mais apresentadas sobre a violência na cidade de Salvador;
- A localização das ocorrências. Saber em qual bairro tem ocorrido mais casos de violência.
- Como as imagens dos jovens são veiculadas.

Linguagens e discursos:

- Linguajar, comentários e discursos dos apresentadores e repórteres de estúdio e rua.

O apresentador costuma encenar gestos agressivos diante das câmeras, mostrando-se irritado com alguns fatores, uma maneira de dar ênfase a determinadas notícias ou a determinados comentários emitidos por ele, além de tentar mostrar aos telespectadores que ele também se indigna com os problemas sociais. Mas, o seu comportamento “explosivo” é parte da estratégia retórica do programa. (OLIVEIRA, 2005, p.64).

O estudo de todas essas informações foi fundamental para que conhecêssemos os telejornais policiais dos quais nos propomos a investigar as representações entre os jovens de bairros populares de Salvador.

2ª Fase

Denominamos de 2ª fase da pesquisa a aplicação de questionários (apêndice 4) para cerca de 190 jovens de bairros populares de Salvador. Desejamos com esse recurso quantitativo, colher informações sobre as características e hábitos dos sujeitos pesquisados no que diz respeito à condição socioeconômica, aos costumes e frequência com que assistem aos telejornais.

Segundo Lakatos (2010), questionário é um instrumento de coleta de dados, construído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por um determinado público. O bom resultado da aplicação de um questionário depende da qualidade das perguntas. O pesquisador deve conhecer bem o assunto, o processo de elaboração é longo e complexo. Ainda de acordo com Lakatos (2010):

- As questões devem ser elaboradas tendo como base os objetivos propostos pela pesquisa;
- As perguntas devem ser formuladas de maneira clara, objetiva, precisa, em linguagem acessível ou usual do informante;
- Os excessos devem ser evitados para que os sujeitos pesquisados não se sintam cansados ou desmotivados.

Os questionários foram respondidos por cento e noventa jovens do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia entre os dias (18 e 19 de maio e 10 de junho do corrente ano).

3ª Fase

Após a análise dos dados obtidos na 2ª fase através dos questionários, chegamos à etapa de realização dos grupos focais, considerada por nós a mais importante para a compreensão das representações sociais dos jovens. Realizamos

seis grupos focais entre os meses de julho e agosto deste ano. Por esse caminho identificamos os sentimentos, percepções e ideias dos participantes a respeito da violência apresentada nos telejornais.

Através da técnica de grupo focal criamos um ambiente de compartilhamento de opiniões e debates entre os jovens, permitindo detectar as diversidades de percepções a respeito da violência que é noticiada pelos telejornais policiais. Segundo Gatti (2005), o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar.

A realização de grupos focais requer uma série de cuidados, a começar pela escolha dos participantes. A etapa de escolha dos sujeitos de nossa pesquisa foi facilitada na medida em que escolhemos como ambiente para a realização o espaço escolar. Sendo assim, já conseguimos em um mesmo ambiente, jovens com as características esperadas por nós para a participação dos grupos focais (idade, raça, escolaridade, situação socioeconômica, contexto familiar, hábitos de lazer, etc.). Como se tratam de “menores” de idade legal, fez-se necessária a autorização do responsável e o desejo do jovem em participar da pesquisa (ver em apêndice 2 e 3). Outro cuidado tomado na realização dos grupos focais foi em relação à postura do facilitador ou moderador, que é o responsável por criar um ambiente propício à discussão da temática, devendo fazer encaminhamentos quanto ao tema e intervenções que facilitam as trocas.

Mais um cuidado sugerido por Gatti (2005), é a necessidade de criação de um roteiro preliminar de trabalho para um bom desenvolvimento dos grupos focais (ver roteiro em apêndice 5). Somente com um roteiro preliminar, o moderador será capaz, desde o primeiro momento no grupo, de criar condições favoráveis para que os seus objetivos sejam alcançados. Se o roteiro for bem delimitado, será possível ultrapassar as dificuldades encontradas no processo. Isso não significa que o moderador deva seguir à risca o seu plano, muito pelo contrário, o saber exatamente

quais os objetivos que persegue o leva a agir com naturalidade no momento de um redirecionamento de uma questão proposta, por exemplo.

Após a realização dos grupos focais iniciamos as transcrições das falas dos jovens. Para a análise desse material, dividimos as impressões e representações dos jovens em diferentes categorias. Segundo Franco (2008), em quem nos apoiamos para construção de tais categorias em plano de análise de conteúdo, esta se baseia nas expressões verbais ou escritas, neste caso, a fala dos jovens é um conteúdo valioso que sugere quais as percepções e seus construtos e por estes as representações sociais desses sujeitos.

3. UMA APROXIMAÇÃO ENTRE TEORIA DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E CIÊNCIAS SOCIAIS.

A comunicação participa ativamente da vida dos indivíduos e de sua construção cultural desde sempre. As mudanças existentes nas formas de comunicação refletem as necessidades dos indivíduos de uma determinada época, ou seja, as transformações nas tecnologias de comunicação traduzem os pensamentos e necessidades de uma dada sociedade. Talvez por isso, ao estudarmos um determinado meio de comunicação e a sua relação com uma sociedade ou grupos de indivíduos, precisamos mergulhar no seu momento histórico, nas características culturais e nas representações que esses meios geram entre indivíduos para uma melhor compreensão das construções dos fenômenos sociais.

O avanço nas técnicas de comunicação representara em cada momento histórico, inovações que refletem diretamente na vida das pessoas, desde o aparecimento da comunicação impressa, representada por jornais e revistas, até a difusão dos aparelhos de televisão e da internet. Entretanto, a grande inovação ficou por conta das informações que deixaram de ser passadas de boca em boca e passaram a ser escritas e transmitidas por profissionais que foram incumbidos da responsabilidade de comunicar e entreter o público.

Atualmente, podemos citar como meio de comunicação de massa: jornal, televisão, cinema, rádio, internet. O que todos têm em comum é o alcance de grandes públicos. Cada um desses veículos de comunicação amplia, a seu modo, a capacidade de transmissão de notícias, de entretenimento e interfere direta ou indiretamente na vida do público. Cada meio se utiliza de uma forma de transmissão de mensagens e possui uma linguagem particular e destinada a um dado telespectador.

Em se tratando da programação televisiva, existe o que a teoria de comunicação chama de “modo de endereçamento”. Segundo Danilo Oliveira (2007), o modo de endereçamento tem sido apropriado para pensar como um programa televisivo específico vai se relacionar com a audiência a partir da construção de

posicionamentos, que pode ser entendido como o estilo do programa, que o identifica e o diferencia dos demais. Na escolha do estilo são levados em consideração os aspectos sociais, culturais e ideológicos relacionados ao público. Tudo isso com uma intenção de criar uma relação de proximidade e de cumplicidade com o telespectador.

Uma das críticas acadêmicas em relação ao termo “comunicação de massa” ocorre quando ele é utilizado como direcionador de estereótipos². Massas no sentido de fazerem parte de um grupo excluído economicamente e que é colocado na posição de pouca exigência, por não possuírem uma cultura de elite, sendo encarados como um conjunto homogêneo.

Segundo Defleur e Ball-Rokeach (1993), em sua obra *Teorias da Comunicação de Massa*, não existem consensos em relação à qualidade das programações destinadas à comunicação de massa. Contudo, um grupo de pesquisadores defende que a comunicação de massa chegou para rebaixar as preferências culturais do público; agravar as taxas de delinquência; contribuir para a deterioração moral; suprimir a criatividade, etc. Fazer um estudo sobre comunicação de massa não é uma tarefa fácil, segundo Ana Carolina Pessoa (2005), o campo de estudo da comunicação, como toda ciência, ainda está em processo de construção. Mas para que os pesquisadores da área alcançassem um grau de raciocínio relevante nesse campo foi e é necessário, um aprofundamento nas diferentes áreas das ciências sociais, principalmente nas áreas da sociologia, antropologia e educação.

Compreendemos que a comunicação está extremamente ligada a uma determinada realidade social, assim, não existe uma análise de comunicação, seja ela de massa, ou de qualquer espécie, sem nos aproximarmos de correntes teóricas

² Os estereótipos são representações sociais, institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. São representações sociais porque pressupõem uma visão compartilhada que um coletivo social possui sobre outro coletivo social. São reiteradas porque são criadas com base na repetição. A base de rigidez e repetição, os estereótipos acabam parecendo naturais; o seu objetivo é, na realidade, que não pareçam formas de discurso e sim formas de realidade. Finalmente são reducionistas porque transformam uma realidade complexa em algo simples. (FERRÉS,1998,p.135)

construídas ao longo do tempo pelas ciências sociais e que servem de base para análises que buscam explicar os fenômenos contemporâneos que unem comunicação à vida em sociedade.

Segundo Mauro Wolf (1999), a primeira teoria que busca compreender a comunicação de massa é a Hipodérmica, criada no período entre as guerras mundiais, tempo de difusão em larga escala dos meios de comunicação. A teoria da Hipodérmica defendia que os grupos identificados como massas, eram caracterizados pela passividade e pela fácil influência e dominação. Sendo assim, os veículos de comunicação não precisavam se preocupar com características particulares, visto que se tratavam de indivíduos que não se diferenciavam, eram encarados como massas homogêneas, grupos dispostos a receberem as informações transmitidas sem nenhuma resistência. Essa teoria se aproxima da Behaviorista (estímulo-resposta) desenvolvida por Skinner. Mensagens televisivas poderiam manipular e induzir as pessoas a adotarem determinados comportamentos.

Harold Lasswell propõe, em 1948, uma teoria diferente da Hipodérmica, conhecida como modelo de Lasswell. Ele faz a seguinte pergunta: quem diz o quê a quem? Embora ele buscasse um diferencial em relação à teoria anterior, essa pergunta, segundo ele, chave para a compreensão da comunicação de massa, acaba reforçando a tese que o comunicador é quem detém a capacidade de comunicar algo a alguém. Para Mauro Wolf (1999), a iniciativa da informação parte exclusivamente do comunicador e reflete numa massa receptora passiva, que apenas reage aos estímulos que recebe. Comunicador e receptor ficam isolados, não possuem qualquer tipo de interação.

Já uma terceira teoria, conhecida como teoria Estrutural- Funcionalista ou Positivista- Estrutural, estuda o papel da mídia na sociedade e não mais seus efeitos como a Hipodérmica e a desenvolvida por Lasswell. O indivíduo deixa de ser analisado apenas por seu comportamento, e passa a ser estudado pelos valores que considera e os modelos sociais que adquire através da comunicação. Essa teoria foi

inspirada, inicialmente, pelos ideais positivistas³. Para a Teoria Estrutural-Funcionalista ou Positivista- Estrutural, a sociedade é vista como um organismo, como um sistema de partes correlatas, que deveriam estar em um equilíbrio dinâmico para o bom funcionamento da sociedade. Os teóricos modernos, Auguste Comte e Émile Durkheim, expandiram ainda mais a ideia no final do século XIX.

O método desenvolvido por Durkheim se baseia no estudo dos fatos sociais. Para Émile Durkheim as forças sociais sempre prevalecem sobre o indivíduo, contribuindo para a criação de certas regras, normas, costumes e leis que asseguram a coesão entre as pessoas, por isso, os fatos sociais são exteriores, coercitivos e gerais. Segundo Nelson Tomazi (2010), essas forças levam os indivíduos a agirem de uma determinada forma, realçando o que Durkheim chama de consciência coletiva, que termina por oferecer um sentimento de integração entre os membros de uma sociedade. Essa consciência é incentivada através das instituições sociais e os meios de comunicação oferecem elementos que contribuem para reafirmar e criar determinadas características de uma sociedade.

Toda a estrutura ligada aos hábitos dos indivíduos, família, trabalho, religião, contribuem para essa consciência coletiva. Sendo assim, no estudo da comunicação de massa, a contribuição oferecida para a construção da teoria Estrutural-Funcionalista, é que a mídia é um forte elemento que contribui para a formação de valores e normas que serão ou não reconhecidas socialmente, contribuindo ou não para a coesão e organização social.

A mídia e o processo de comunicação de massa são ações padronizadas e repetitivas do sistema social em que funcionam. As dependências estruturais existentes entre a mídia e outros sistemas sociais não só afetam as atividades cotidianas de nossa sociedade, como também, influencia na maneira pela qual os indivíduos utilizam

³ A primeira corrente teórica sistematizada de pensamento sociológico foi o positivismo, a primeira a definir precisamente o objeto, a estabelecer conceitos e uma metodologia de investigação. Além disso, o positivismo, ao definir a especialidade de estudo científica da sociedade, conseguiu distinguir-se de outras ciências estabelecendo um espaço próprio à ciência da sociedade. Seu primeiro representante e principal sistematizador foi o pensador francês Auguste Comte. O Positivismo derivou do “cientificismo”, isto é da crença no poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Essas leis seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento pretendia substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum por meio das quais, até então, o homem explicava a realidade. (CRISTINA COSTA, 1997, p.46).

a mídia na vida cotidiana. Fazem certa contribuição para o equilíbrio social dessa sociedade. Tem consequências para a sociedade como um todo. Com efeito, poderíamos argumentar que a comunicação de massa pode ser relacionada entre aqueles componentes indispensáveis da estrutura social, sem os quais a sociedade contemporânea, conforme a conhecemos, não poderia prosseguir. Por outro lado, a comunicação de massa pode ser disfuncional, contribuindo mais para a desarmonia do que para a estabilidade, se dispuser de poder para instigar as pessoas a várias formas de comportamento desviante. (MAURO WOLF, 1999, p. 48).

Já a Teoria Crítica Racional ou de Conflito Social, consagrada pela Escola de Frankfurt⁴ como o próprio nome já sugere, busca uma crítica a questões que envolvem a sociedade recém-industrializada. Analisa criticamente o capitalismo moderno e seus pontos frágeis, fazendo uma aproximação com as questões que envolvem cultura, propaganda e cultura de massa.

A Escola de Frankfurt, iniciada em 1937, formada por um grupo de pensadores e cientistas sociais alemães como: Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Erich Fromm, Hebert Marcuse, entre outros, trouxe uma análise a respeito do mundo que passava a ser administrado pelo aparato tecnológico a favor do que ficou conhecido logo depois como Indústria Cultural. Segundo a teoria da Indústria Cultural, as tecnologias alienavam⁵ os trabalhadores e as classes populares na medida em que ofereciam trabalho, serviços e produtos padronizados e homogeneizantes, fazendo com que a esses indivíduos fossem negada a sua participação criativa e autônoma. A Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, intendentos, capazes de julgar e de pensar conscientemente.

Na tentativa de abandonar o termo “Cultura de Massa” Adorno e Horkheimer utilizam o termo Indústria Cultural pela primeira vez na obra: “Dialética do

⁴ A Escola de Frankfurt faz uma crítica ao mundo administrado pela tecnologia. O aparato tecnológico incide na sociedade o seu condicionamento padronizado, homogeneizante, sobretudo, sem a perspectiva de empreender a vida de cada indivíduo de uma forma autônoma. (DUARTE, 2003).

⁵ Alienação conceito elaborado por Karl Marx. Perda de controle do trabalhador do processo de trabalho, do que é produzido, assim como a produção dos meios de comunicação de massa, uma vez que o trabalhador, ou classes populares, não têm ligação cultural com o produto, que por sua vez é resultado de uma indústria cultural. (GABRIEL COHN, 2014).

Esclarecimento” em 1947. Através desse termo, tinham a intenção de por fim à interpretação de que a cultura de massa se referia a uma produção cultural espontânea das próprias massas. Segundo Adorno e Horkheimer, o que existe é um intenso silenciamento das mesmas. Grande parte das massas não utilizam os veículos de comunicação de massa para se comunicarem, ao contrário, apenas absorvem o conteúdo que é veiculado por esses meios.

O termo Indústria Cultural deixa claro que toda produção cultural passa a ser um negócio. Todo o processo de elaboração de bens culturais deixa de lado a inspiração artística e passa a ser uma produção industrial, explorando bens considerados culturais. O que antes era lazer e arte passa a ser um negócio dominando ideologicamente na tentativa de conquistar consumidores.

Os meios de comunicação de massa envolvem máquinas na mediação da comunicação. Aparelhos e dispositivos mecânicos, elétricos e eletrônicos, estabelecendo a relação entre o que é produzido e consumido. São tais dispositivos que possibilitam no caso dos meios de comunicação de massa a transmissão e reprodução das mensagens, de modo a atingir milhares ou milhões de aparelhos receptores. (NETO, 1972, p.32)

De acordo com a teoria crítica a classe trabalhadora é vista como possuidora de uma cultura chamada de “cultura de massa”. Segundo Gabriel Cohn (2014), não é fácil estabelecer uma única definição para o termo “massa”, mas em se tratando de teoria crítica, as massas representam um coletivo, contíguo de indivíduos indiferenciados quanto às normas de comportamento, valores e posições sociais, pelo menos naquilo que diz respeito a uma situação determinada.

Em situação de massa não importam as diferenças entre os indivíduos, pois todos eles pelo fato de terem se transformado em multidão ficam de posse de algo como uma mentalidade coletiva, que os faz sentir, pensar e agir de maneira diversa da que cada qual sentiria, pensaria e agiria em estado de isolamento. (COHN, 2014, p. 31).

A indústria cultural trata da produção da cultura como mercadoria. A cultura erudita é vista como boa e verdadeira arte, enquanto a cultura popular é entendida como ruim. Segundo a teoria crítica, a comunicação de massa estaria a serviço da

Indústria Cultural. A comunicação de massa se constituiria de repetições, padronizações e seria capaz de criar uma cultura específica que estaria a serviço do sistema capitalista, ou seja, a cultura estaria a serviço do mercado.

Na atual sociedade, a produção e circulação das mensagens e informações são extremamente dependentes das atividades da Indústria Cultural, isto é, do papel das empresas de comunicação. Isso interfere diretamente na formação do indivíduo. Os meios de comunicação de massa se mostraram favoráveis às necessidades do capitalismo e de uma classe dominante possuidora do poder de comunicar.

4. COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os estudos das representações sociais foram desenvolvidos pela Psicologia Social que tem como objetivo principal, compreender os fenômenos individuais e sua ligação com os fenômenos coletivos. De acordo com essa teoria, diante de um mundo de objetos, indivíduos, acontecimentos e ideias, não estamos isolados num vazio social, ao contrário, partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio nas variadas vivências que dividimos.

Chegar a essa compreensão sobre uma dada realidade não é uma tarefa fácil. Desde o aparecimento dos estudos sociais, estimulados pela sociologia moderna, já existia uma tentativa de entendimento da relação existente entre as questões individuais e coletivas. Através dos estudos de Comte e posteriormente de Durkheim, foi possível uma compreensão sob o olhar específico da sociologia sobre as representações, denominadas de representações coletivas.

As representações sociais, termo posteriormente desenvolvido por Moscovici (2004), tendo como base a Psicologia Social, veio a complementar as conhecidas representações coletivas desenvolvida por Durkheim, representando as imagens que construímos a respeito de uma realidade. Para Jodelet (2001), são essas imagens que nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e nos posicionar frente ao mundo. Esses posicionamentos que se manifestam em palavras, sentimentos e condutas, devem ser analisados a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais.

Segundo Moscovici (2004), mesmo sabendo que esse estudo traduz certos aspectos da experiência existencial, subjetiva, frequentemente conflitante, ele constata a possibilidade não de uma compreensão total da realidade, mas sim, diversas compreensões de uma mesma realidade. Segundo ele, as representações são fruto das vivências que permeiam o dia a dia dos grupos sociais. As representações sociais expressam o entendimento dos indivíduos em relação a certos acontecimentos da vida.

A realidade vivida é representada e através dela os atores sociais se movem, constroem suas vidas e explicam-na mediante seu “estoque de conhecimentos”. Termo utilizado por Moscovici (2004) que descreve bem o significado das representações sociais: estoque é uma espécie de acervo, tudo que é armazenado e acessado pelos indivíduos nas diferentes experiências vividas ao longo da vida em uma dada sociedade. É importante destacar que as nossas representações sociais não são imóveis no tempo, elas passam por transformações na forma de conceber a realidade a depender dos aspectos históricos, sociais, políticos e culturais. Mas como estudar toda essa complexidade de relações que envolvem as representações sociais? Segundo Maria Cecília Minayo:

As representações sociais devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida de cada indivíduo. Neste sentido, a visão de mundo dos diferentes grupos expressa contradições e conflitos presentes nas condições em que foram engendradas, tudo isso deve ser considerado. (MINAYO, 2004, p.109).

A noção de representação social envolve uma enormidade de conceitos, abordagens e tratamentos ligados à psicologia, sociologia, antropologia e outras áreas.

São muitos os elementos que atestam a fecundidade das representações sociais, sua maturidade científica e sua pertinência para tratar dos problemas psicológicos e sociais de nossa sociedade. Implica nas relações como processos das dinâmicas sociais e psíquicas e com a elaboração de um sistema teórico também complexo. Mas é preciso dizer: as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais (JODELET, 2001, p.26).

Como já dissemos a sociologia, através do conceito das representações coletivas, concebeu a base para o desenvolvimento da teoria das representações sociais. Portanto, os teóricos clássicos da sociologia ofereceram muitas contribuições para a tentativa de compreensão das relações entre o individual e o coletivo. Na concepção de Durkheim a sociedade é quem “pensa” e acaba exercendo um poder sobre a forma como os indivíduos pensam. Portanto, as representações não são necessariamente consciências do ponto de vista individuais,

assim, o social exerce um grande poder de coerção sobre os indivíduos. A sociedade representa a força e a estrutura que busca conter qualquer tipo de “deformação” e fragmentação, mantendo as atitudes dos indivíduos facilmente previsíveis. Essa capacidade de manter e conservar o todo é que dão suporte às representações coletivas desenvolvidas por Durkheim.

Talvez na tentativa de manter a integridade da Sociologia enquanto ciência, Durkheim tenha tido dificuldade em refletir as representações tomando como base de reflexão as questões subjetivas que envolviam o pensamento dos indivíduos. Assim, para Durkheim, a forma como as pessoas se posicionam socialmente, demonstra a conservação de sua realidade social, do lugar em que nascem, reproduzindo os aprendizados que lhes foram transmitidos. Para a teoria marxista, a visão durkheimiana elimina o pluralismo fundamental da realidade social, e em particular a capacidade dos indivíduos de se posicionarem contra uma determinada realidade social. Logo, para os marxistas, Durkheim estaria deixando de lado a capacidade que os indivíduos têm de lutar contra os antagonismos de classe, por exemplo.

Já para Max Weber, as ideias ou representações sociais são juízos de valor que os indivíduos elaboram. As concepções de Weber abordam às “visões de mundo”. Segundo ele, cada indivíduo responde de uma forma a determinados estímulos. A vida social, que consiste na conduta cotidiana dos indivíduos, é carregada de significação cultural. Essa significação é dada tanto pela base material como pelas ideias, dentro de uma relação adequada, em que ambas se condicionam mutuamente.

A realidade é subjetiva e repleta de condições históricas, políticas e culturais criadas pelos indivíduos e que as diferencia profundamente. Portanto, para a compreensão das representações seriam necessários estudos que ajudassem a compreender essas múltiplas realidades, definidas por Max Weber. O social é o resultado da ação dos indivíduos e os múltiplos sentidos que as pessoas dão as ações. Cada sujeito age por um motivo que é dado pela tradição, por interesses racionais ou emocionais. Essas motivações representam o ponto chave na teoria

weberiana para a compreensão da sociedade. Weber atribui enorme importância à vontade do indivíduo na representação da ação social.

Analisando os diversos olhares dos sociólogos clássicos a respeito das representações, Moscovici (2004), em meados do século XX, desenvolve o conceito de representação social que, segundo ele, representaria melhor a complexidade das sociedades modernas caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem.

De acordo com o seu ponto de vista, a psicologia social é uma ciência de comportamento. Dessa maneira, muitos achavam que o objeto da disciplina é idêntico ao da psicologia em geral, mesmo que fosse focado em um contexto especial. É esta concepção da disciplina que necessita ser cuidadosamente examinada. A abrangência da psicologia social incluía o estudo da vida cotidiana e as relações entre os indivíduos e entre os grupos, bem como o estudo das ideologias e da criatividade intelectual, tanto em suas formas individuais, como coletivas. (MOSCOVICI, 2004, p.146).

A heterogeneidade das representações sociais pode ser vista em um determinado grupo social com características específicas. Habitantes de um determinado bairro, por exemplo, que pareçam compartilhar das mesmas experiências no dia a dia, podem ter representações sociais diferentes a respeito de um determinado assunto, a respeito de um aspecto da “realidade”. Daí é possível concluir que essa realidade é sempre subjetiva, mesmo quando estamos tratando de vivências similares.

4.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO DE MASSA

Nesta seção retornaremos um pouco ao conceito de comunicação de massa que iniciamos no capítulo 4. Como vimos, não é fácil definir com precisão o que significa comunicação de massa. Existem diferentes concepções a respeito do termo. Vamos aqui compreendê-lo como a comunicação destinada ao grande público: rádio, televisão, jornais e internet. A esse público, quase sempre, é negado

o poder de opinar e dialogar, contudo, ele tem as suas representações sociais construídas com a ajuda desses recursos midiáticos.

A comunicação de massa implica, geralmente, uma transmissão de mensagens de mão única, do transmissor para o receptor. Ao contrário da situação dialógica de uma conversação, em que aquele que escuta é também um respondente em potencial, a comunicação de massa institui uma ruptura fundamental entre o produtor e o receptor, de tal modo que os receptores têm relativamente pouca possibilidade de contribuir no curso e no conteúdo do processo de comunicação. (THOMPSON, 2005, p. 288).

Embora os meios de comunicação de massa classificados como tradicionais, como a televisão, já tenham sido alvo de inúmeros trabalhos acadêmicos. Ainda que nas últimas décadas tenhamos sofrido uma grande revolução na forma como as pessoas se comunicam por conta da internet e das redes sociais, a televisão continua sendo a grande representante da comunicação de massa entre as classes populares. A revolução gerada pela internet oferece-nos rapidez da informação, alcance a qualquer parte do mundo, compreensão e acesso de diferentes públicos, todavia, a maior revolução proporcionada pela internet consiste na possibilidade de interação, diálogo e emissão de opinião em tempo real, características ainda não possíveis na programação televisiva. Embora a Internet tenha um espaço indiscutivelmente grande na vida dos jovens na contemporaneidade, quando falamos de jovens de classes sociais menos favorecidas, como são os jovens de bairros periféricos de cidades como Salvador, o acesso à internet ainda é restrito.

Em se tratando da relação entre as representações sociais e a comunicação de massa todos os recursos disponíveis, como rádio, televisão, impressos e a internet, são contribuintes da construção dessas representações. Tudo depende desse emaranhado de elementos para a criação das representações sociais, envolvendo a realidade social dos indivíduos, as vivências, os recursos materiais acessados, como também as várias ferramentas de comunicação que acessam.

Não podemos esquecer que como todas as tecnologias desenvolvidas para um determinado público, com o passar do tempo, elas sofrem transformações e assumem novos formatos para que se encaixem na vida dos consumidores. Com o

passar dos anos, os meios, as formas, as intenções e a maneira como as informações são acessadas e compreendidas pelos indivíduos vão modificando profundamente. Por conta disso, é sempre necessária uma nova investigação científica na tentativa de compreendermos como se dá a relação entre as comunicações de massas e a construção das representações sociais dos indivíduos.

O papel da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil hoje imaginar o que seria viver no mundo sem livros, jornais, rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. Dia a dia, semana a semana, jornais, estações de rádio e televisão nos apresentam um fluxo contínuo de palavras e imagens, informações e ideias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além de nosso ambiente social imediato. (THOMPSON, 2005, p. 219)

Por conta da capacidade subjetiva de conhecimento, as representações desenvolvidas pelos indivíduos estão diretamente ligadas à compreensão que eles dão às informações que chegam até eles. Lembrando que a capacidade subjetiva de compreensão não é individual, mas é construída socialmente. Segundo Pedrinho Guareschi (1995), a comunicação exerce um papel tão importante na formação da representação das pessoas que o seu poder chega a ser pouco conhecido e determinado. Os meios de comunicação são para ele um mistério cujas intenções, objetivos e alcances são difíceis de serem desvendados. Isso deixa claro o quanto ainda precisamos pesquisar e discutir sobre as diversas realidades que os meios de comunicação de massa ajudam a construir.

A vida social, com todas as características econômicas, materiais, sociais e culturais, exerce um importante papel na formação das representações dos indivíduos. Existe toda uma referência baseada em valores culturais que são transmitidos através da convivência entre os indivíduos e os recursos materiais oferecidos pelas sociedades. Cada sociedade carrega as influências que suas bases materiais e não materiais exercem na forma de vida das pessoas. O desenvolvimento dos meios técnicos possui um impacto fundamental nas maneiras como as pessoas agem e interagem umas com as outras. Segundo Thompson (2005), isso não quer dizer que o meio técnico determina a organização social de

uma maneira simples, o desenvolvimento desses meios técnicos estão sempre situados dentro de um contexto social e institucional mais amplo que limita as opções possíveis. Entretanto, novos modelos técnicos tornam possíveis novas formas de interação, criam novos focos e novas situações para a ação e interação e, com isso, servem para reestruturar relações sociais existentes e as instituições e organizações das quais elas fazem parte.

Quando recordamos as sociedades do final do século XVIII e início do século XIX, observamos uma série de transformações sociais geradas pelo investimento tecnológico. As novas formas de produção dos bens materiais, favorecidos pela revolução industrial, fizeram surgir novas formas de vida, de convivências e de acesso à comunicação. As revoluções provocadas pelos meios de comunicação de massa e a difusão dos saberes científicos e técnicos transformaram os modos de pensamentos e criaram novos conteúdos. Embora significativas mudanças tenham ocorrido até o final do século XIX, as relações entre a comunicação e a sociedade tornam-se mais visíveis e complexas a partir do século XX, quando os meios de comunicação de massa adquirem no mundo social maior espaço, passando a ocupar uma centralidade na vida social e cultural dos indivíduos.

Os meios de comunicação estão sempre presentes e são fator indispensável tanto na criação quanto na transmissão, mudança, legitimação e reprodução de determinada cultura. Em cada filme, novela, propaganda, há um determinado tipo de moradia, determinada decoração, determinada maneira de comer, de vestir, de se relacionar, de diversão, de cuidados com o corpo, etc. Esse é um pano de fundo cultural que permanece e fixa na cabeça das pessoas. (GUARESCHI, 1995, p.16).

Os meios de comunicação assumiram nas sociedades modernas, um papel que ultrapassa a condição de meros veículos das mensagens e dos conteúdos. Além de veicularem informações aos cidadãos, os veículos de comunicação no processo da comunicabilidade da cultura e seus valores, são responsáveis pela produção dos sentidos que circulam na sociedade. Assim, os meios de comunicação de massa se colocam como um componente cultural importante na teoria das representações sociais. Segundo Jodelet (2001), na realidade, as representações

sociais são criadas em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas pela mídia.

5. REFLEXÕES SOBRE AS JUVENTUDES

Para este trabalho é relevante acessar informações e reflexões que colaboram para compreendermos um pouco mais o tema juventudes. Não se trata de uma tarefa das mais simples. Também, não temos a intenção de formular uma definição absoluta acerca das juventudes, o que seria inútil. Não existe e nunca existiu uma única juventude. O termo diz respeito a uma construção sócio histórica. Ao falamos de jovens precisamos situá-los em tempo e espaço que os aproximam de um determinado momento histórico e lugar, mas, ao mesmo tempo, devemos levar em consideração toda uma construção e experiências de vida que são muito particulares a depender da condição econômica e social, da inscrição de gênero e de raça/etnicidade, entre outras. Sendo assim, deixamos claro que as nossas reflexões sobre as juventudes dizem respeito aos jovens contemporâneos, pobres, em sua maioria negra, moradores de bairros periféricos de cidades brasileiras, mais especificamente, a cidade de Salvador.

São muitas as correntes teóricas e pesquisadores das áreas das ciências sociais, da psicologia, da educação, do direito, entre outros, que fazem diferentes recortes sobre a juventude e buscam compreender as questões contemporâneas que giram em torno desses sujeitos e que ajudam a constituir esse grupo. São inúmeros os teóricos que há muito têm dedicado seus estudos à compreensão das juventudes. Inicialmente destacaremos uma clássica frase de Bourdieu (1983): *a juventude é apenas uma palavra*. Nesta perspectiva, o conceito de juventude é apresentado sem muitas determinações; sempre existirá alguém considerado mais jovem ou mais velho a depender da idade que tenha, a depender das questões culturais e do período histórico do qual se fala. Além de que, experiências socialmente marcadas por ambiências em desigualdades, como por raça, classe e gênero, repetimos, condicionam processos de maturidade e vivências que se afastam de idealizações sobre tal ciclo de vida.

Assim, Abramovay e Castro (2015), enfatizam questões sociais, culturais e históricas, como condicionamentos de sistemas de exclusão por raça, classe social e gênero e outros tantos marcadores que contribuem quer para diversidade quer para desigualdades entre jovens.

Além da difícil compreensão do termo, ainda encontramos conflitos entre as gerações. Segundo Abramovay e Castro (2002), no imaginário social, os jovens são frequentemente pensados como atores sem identidades, vontades, desejos e ações próprias. Nessa leitura, os jovens são definidos pela ausência e pelo que não seriam – nem crianças e nem adultos. Sujeitos que precisam ser constantemente vigiados, controlados e tutelados para que não se pervertam ou não se percam no mundo das drogas e do crime, ou seja, sujeitos que ainda viriam a ser “alguém” na vida adulta.

É possível concluir que precisamos pensar a juventude não como um período apenas de preparação para a vida adulta, mas como uma fase da vida, com características muito específicas, em que a família, a escola, a comunidade, os poderes públicos, a universidade e todas as instituições responsáveis por sua formação devam estar atentas a tais especificidades para que esse período seja respeitado com toda sua diversidade.

5.1 JUVENTUDES DAS PERIFERIAS CONTEMPORÂNEAS

Ao refletirmos sobre a vida dos jovens na sociedade contemporânea precisamos estar atentos a uma série de questões simbólicas e materiais que envolvem a vida desses indivíduos e que contribuem profundamente para a construção de sua juventude. Como já mencionamos, não existe um padrão de juventude, ela não é homogênea. Segundo Pais (2006), ao falarmos de juventude de classe média ou popular, casada ou solteira, operária ou estudante, estamos nos referindo à juventude no sentido de “diferente”. Ela aparece socialmente dividida, em função de seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. Assim, jovens que pertencem a classes sociais diferentes, mesmo que estejam na mesma cidade, possuem padrões comportamentais diferentes. As experiências que acessam ao longo da vida os faz possuírem comportamentos e visões de mundo diferentes.

Para esclarecermos o que chamamos de questões simbólicas, vamos exemplificar o que se compreende sobre cultura. Nas ciências sociais, mas especificamente nos estudos antropológicos, a cultura é analisada sobre diferentes perspectivas, mas sempre partindo da realidade vivida pelo grupo estudado. Já que estamos buscando neste trabalho dar visibilidade aos jovens de classes populares, de bairros periféricos, e agora que estamos falando de cultura e questões simbólicas que interferem na construção de vida desses indivíduos, podemos partir do princípio de que existe uma cultura popular e uma cultura de elite.

Estamos refletindo sobre diferentes juventudes, sendo assim, não podemos deixar de falar das diferentes expressões artísticas vivenciadas nessa fase da vida. Quando falamos de jovens de classes populares de bairros periféricos de Salvador, por exemplo, podemos afirmar que a experiência musical, em alguma medida, está ligada ao pagode e ao axé. Assim, para os jovens pertencentes à chamada “cultura de elite”, pode parecer que certas letras do pagode e as coreografias apresentadas por jovens negros (as) da periferia, sejam encaradas como menos importantes culturalmente e até de mau gosto. Essa diferença do “lugar” em que se vive, das experiências que são desenvolvidas ao longo da infância e da juventude, podem ser determinantes para a construção dos olhares desses sujeitos. Esse “lugar” pode gerar visões estereotipadas dos jovens sobre si mesmos e/ou, sobre a realidade do outro.

Quando refletimos sobre as questões denominadas como objetivas, estamos nos referindo à vida material desses jovens, principalmente das necessidades materiais ditadas pela sociedade do consumo. Insiste-se que as condições materiais e tecnológicas são referenciais importantes para o modo de vida desenvolvido em diferentes sociedades. A vida material representada por uma sociedade capitalista e consumista exerce grande influência na vida dos jovens: cria hábitos e necessidades de consumo, lazer, emprego, beleza, entre outros. Quando falamos de jovens pertencentes às famílias de classes populares, que em sua maioria possuem um perfil socioeconômico que os afastam dos bens materiais de consumo, das condições básicas de saúde, educação, segurança e empregabilidade, estamos

diante de modos de vida que dificultam a concretização desses desejos e sonhos modelados em grande medida por essa sociedade do consumo.

São muitos os desejos e inquietações desses jovens de classes populares. Não é fácil ser jovem e perceber que existem questões sociais e culturas que desfavorecem a concretização dos desejos referentes ao agora e da vida futura. Segundo Machado Pais (2006), é difícil falar em sonhos juvenis em uma sociedade que os exclui, em que a educação pública não é de qualidade, em que a busca por emprego não oferece igualdade de oportunidades. Para Castro (2001) uma das principais inquietações dos jovens em relação à educação está na questão da perda de credibilidade do ensino para a inserção no mercado de trabalho. Assim, muitos jovens deixam as escolas em busca de trabalho e isso só compromete ainda mais a sua formação como profissional e sua expectativa de ascensão social.

O capitalismo é visto como um regime de signos produtor de subjetividades e esses signos são produzidos por sujeitos desejantes que encontram a sua maior expressão nos meios de comunicação e nos grandes espaços de convivência (família, escola, comunidade, etc.). “Cada instituição fornece uma tipologia (a casa, a sala de aula, a igreja, etc) onde se opera a produção da subjetividade. Cada instituição tem suas regras próprias de subjetivação. (PAIS, 2006, p. 405).

5.2 A VIOLÊNCIA COMO INIBIDORA DOS SONHOS JUVENIS.

Além das frustrações geradas pelas dificuldades de acessos aos diversos desejos das juventudes de famílias de classes populares, ainda temos a violência como outro problema que atua como um possível inibidor de seus sonhos, ainda que muitas vezes acionada em sua perseguição. Ao pensar sobre a violência, imediatamente nos vem à cabeça a seguinte pergunta: De qual violência estamos falando? Waiselfisz (2003), nos ajuda nessa tarefa ao refletir que conceituar a violência, assim como conceituar a juventude, não é uma tarefa fácil. Além da complexidade e ambiguidades do tema, duas questões tornam ainda mais difíceis a sua conceituação:

1. A primeira delas diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são históricos

e culturalmente construídos. Tal como acontece com outros termos (beleza, poder) dependendo do momento histórico ou contexto social, significados diferentes lhe são atribuídos.

2. A segunda questão está associada ao fato de que o mesmo termo pode ser referido a situações marcadamente diversificadas, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produção, explicações e efeitos diferentes. É frequentemente encontrar, tanto na literatura quanto nas páginas de noticiários, referências que permitem focalizar, diferencialmente, o fenômeno. Violência doméstica, juvenil, bélica, contra mulher, contra a criança, religiosa, simbólica, racial, física, criminal, etc. São outros tantos delimitadores que nos falam de âmbitos e situações diversas que, sob o termo genérico, escondem realidades que geram modos de manifestações e de entendimento da violência bem diferentes. (WASELFISZ, 2003, p.34).

Nesta pesquisa designamos como violência todas as manifestações de agressões físicas e psicológicas que recaem sobre os cidadãos e os jovens no dia a dia: assaltos, agressões físicas e verbais, crimes geradas pelo tráfico de drogas, assassinatos, etc.

Ainda segundo Waiselfisz (2003), o aumento da violência origina diariamente entre a população:

- Forte sentimento de insegurança;
- Degradação das áreas de forte incidência de violência e das relações sociais ali localizadas;
- Quebra de confiança nas instituições democráticas, em geral, e naquelas encarregadas da segurança pública, em particular;
- Domínio de territórios por parte da criminalidade, que disputa com o Estado o monopólio legítimo do uso da violência como instrumento de coerção.

O sentimento de insegurança difundido na vida cotidiana, além de atingir fortemente as representações que criamos sobre a violência altera a nossa rotina, o nosso dia a dia. Frequentemente observamos pessoas mudando o itinerário de volta do trabalho, o horário em que saem para comprar pão, o local em que deixam o carro estacionado. O sentimento de medo sempre existiu, contudo as condições de vida que estamos levando nas grandes cidades têm potencializado esse sentimento de medo e insegurança principalmente quando o assunto é a violência que atinge os cidadãos no dia a dia. Na contemporaneidade, além da violência, diversos outros

medos afetam adultos e jovens: desemprego, velhice, infelicidade, etc. O sentimento de medo de uma maneira geral atrapalha os planos de uma vida digna e felicidade. A cidade que deveria ser vista como o lugar de moradia, espaço em que crianças, jovens e adultos desenvolvem as suas sociabilidades, aprendem e criam suas próprias identidades, lugar que poderia despertar sentimentos de pertencimentos dos indivíduos a um determinado território; atualmente virou sinônimo de desesperança, medo e violência. Observamos no dia a dia o desejo de muitas pessoas em mudarem de cidade na busca por uma melhor “qualidade de vida”, termo muito utilizado nas últimas décadas, quase sempre atrelado a um sentimento de segurança que, por ventura, possa existir em outras localidades.

Para Bauman (2004), o sentimento de comunidade na contemporaneidade anda no sentido oposto do tradicional, colocando em evidência, a insegurança, o medo, o individualismo, o consumismo, a ética hedonista, a fragmentação do tempo e do espaço. A globalização, com seu deslocamento de tempo e local, acabou com as possibilidades de uma demarcação clara dos limites de uma comunidade, de certa forma, dificultando a localização das relações e sua durabilidade e segurança ao longo do tempo. A personalidade da comunidade foi perdendo espaço para a impessoalidade da metrópole.

Esses processos destroem parcialmente o sentimento de confiança e formas de solidariedade e sociabilidade tão importantes para conter a violência e o sentimento de medo entre os indivíduos. Esse afastando entre as pessoas, gera indivíduos que vivem em uma mesma cidade, mas que não se mobilizam por questões coletivas; problemas como a violência, são resolvidos individualmente, a depender da capacidade financeira ou da influência que cada um possua. Se não há condições financeiras ou apadrinhamentos, a solução é “fazer a justiça com as próprias mãos”. A falta de solidariedade entre os indivíduos gera mais violência.

5.3 A VIOLÊNCIA MEDIATIZADA

O distanciamento entre as pessoas impede uma reflexão mais aprofundada sobre a violência. As relações entre os indivíduos estão fragmentadas, baseadas em visões preconceituosas e estereotipadas, principalmente, quando o assunto é a juventude negra e pobre. Essa falta de interesse e reflexão sobre sentidos sociais da violência é facilmente percebida na mídia televisiva. Os veículos de comunicação de massa tratam de questões ligadas à violência, tendendo ao espetacular e à sua banalização. A mídia oferece espaço para as imagens que chamam a atenção pela violência em si, no entanto, as informações que façam com que os telespectadores reflitam sobre o que faz a violência aumentar nas cidades não são apresentadas pelos telejornais.

O jornalismo funciona como um filtro para a exposição da “realidade” e, dessa maneira, a mídia não informa sobre os fatos, mas constrói uma versão sobre os mesmos. Esse perfil pode ser observado na escolha das questões veiculadas, que confere atenção a alguns temas em razão de outros. Essa atenção, naturalizada ou proposital, aponta para que partes do cotidiano se deva enxergar. A mídia simplifica os acontecimentos ao retratá-los, eliminando a complexidade dos fatos e criando uma imagem dividida em categorias polarizadas. Tal simplificação não considera os diversos fatores que compõem os acontecimentos, nem as diversas leituras que são deles feitas. (HEILBORN, 2009, p 34).

As narrativas midiáticas que tematizam o medo nas cidades precisam ser analisadas e discutidas. Assassinatos, atos de crueldade de toda ordem, humilhações, agressões físicas e psicológicas, embora sejam considerados indesejáveis, podem também passar a ser facilmente aceitas e naturalizadas: basta desumanizar o próximo. Segundo Costa (1994), basta acreditar que ele não é um sujeito moral como “nós” para que a crueldade cometida não seja percebida em seu horror.

Jornais, canais de televisão, emissoras de rádio não se cansam de narrar jovens envolvidos em casos de violência, e é muito clara a cisão vislumbrada a cada texto, a cada imagem, a divisão entre “nós” e “eles”, entre os jovens de classe média, brancos, universitários ou estudantes de uma boa escola particular e aqueles que desumanizamos, que literalmente consideramos inferiores. Falo aqui de juventude, de mídia, de diferenças. (COSTA, 1994, p. 124-125).

A mídia não se responsabiliza apenas pelos noticiários diários sobre a violência nas cidades, ela também é a responsável por emitir opiniões a respeito dos casos apresentados e através dos seus discursos constroem todo um cenário para a violência cotidiana. Neste cenário, o telespectador consegue visualizar as favelas e bairros mais violentos, tipos de violência e os criminosos responsáveis por tais delitos.

Nessa configuração os atores sociais que estampam as telas como autores dos mais variados crimes são em sua maioria moradores de bairros periféricos das grandes cidades, jovens, negros e pobres. Heilborn (2009), responsável pelo estudo “Jovens, gênero, mídia e violência em contexto de pacificação na cidade do Rio de Janeiro”, atesta que as informações veiculadas pela mídia (escrita ou televisionada) redundam em imagens que estampam os jovens negros e pobres como altamente violentos e principais autores dos diversos tipos de violências (moral, sexual, simbólica, física, etc.); tais imagens contribuem fortemente para o imaginário da população que termina por associar esses espaços territoriais a imagem de jovens negros e pobres à criminalidade.

Segundo Heilborn (2009), essa associação entre juventude, pobreza e violência não é um fato recente. Na década de 80 alguns trabalhos acadêmicos, dentro da própria ciências sociais, faziam essa associação reducionista e preconceituosa. Infelizmente esse papel agora é assumido pela mídia. Uma questão muito preocupante é que pesquisas recentes apontam que os jovens estudantes, trabalhadores, oriundos de famílias humildes, por possuírem os perfis apresentados pela mídia como “suspeitos” (negros, pobres e moradores de determinadas localidades apontadas com grande incidência de tráfico de drogas e violência), além de serem expostos e estigmatizados pela mídia estão também sendo privados de exercerem a sua juventude e liberdade em determinados espaços públicos, nas ruas e becos dos seus bairros ou até mesmo dentro de suas residências, correndo o risco de serem confundidos com criminosos, perseguidos, maltratados em abordagens policiais ou até mesmo mortos em ações policiais desastrosas.

Ação policial como a realizada em 6 de fevereiro de 2015, na Vila Moisés, em Salvador, que ficou conhecida como chacina do Cabula, em que 12 jovens foram covardemente executados. Esses jovens não tiveram o direito de serem sequer presos e julgados, sendo já abordados como “bandidos” em ataque. Abordagens policiais como essas estão tirando a vida de jovens, em particular de jovens negros e pobres, e impedindo que seus familiares comprovem a inocência dos seus filhos e filhas, já que grande parte das mortes não é investigada e o acompanhamento por parentes, para tanto, dificultada inclusive por ameaças. Segundo Calazans (2014), as taxas de distribuição dos homicídios em Salvador apontam que o crime contra a pessoa está sobremaneira concentrado na periferia da cidade.

A rotulagem social propicia perseguições a certos hábitos e práticas culturais, que vão desde o ritmo musical ouvido, da dança praticada, até a bermuda, o boné, a corrente que esses jovens usam. Um olhar incriminador estimulado pela mídia e reproduzido pela sociedade em geral, tem contribuído para produzir prisões materiais e prisões simbólicas, submetendo os corpos, linguajar, jeitos de ser desses jovens ao julgamento, à disciplina, ao controle e à criminalização.

5.4 JOVENS DE FAMÍLIAS DE CLASSES POPULARES

Quando decidimos pesquisar quais as representações que os jovens fazem da violência na cidade tomando como referência o telejornalismo policial, precisávamos esclarecer de quais jovens estávamos nos referindo. O problema de pesquisa surgiu como já dito, na convivência com jovens da periferia de Salvador, mas essa denominação não seria suficiente para a caracterização desses sujeitos. Sendo evidente que as questões socioeconômicas contribuem e dizem muito sobre a realidade desses sujeitos e que esses jovens pertencem a um determinado contexto familiar que se apresenta como fator determinante na construção da educação, dos hábitos e visões de mundo, não poderíamos deixar de trazer para o

nosso trabalho um pouco das condições de vida desses sujeitos juntamente com seus familiares.

Quando afirmamos que as famílias dos jovens de bairros periféricos de Salvador são de “classes populares”, não estamos utilizando o termo popular de uma maneira pejorativa, partimos do entendimento de que as famílias que moram em bairros periféricos estão em regiões que não são adequadamente assistidas pelos poderes públicos. Convivendo diariamente com a ausência ou precariedade de serviços básicos de saúde, educação, transporte e lazer.

O “popular” não é neste trabalho, tido como algo vulgar, de menor significado e importância. Infelizmente a cultura que vem do popular é historicamente desvalorizada e desqualificada. Às classes populares são negadas condições dignas de sobrevivência e por conta disso assumem um estado de maior vulnerabilidade social.

A questão da vulnerabilidade social é complexa. Não é só a exposição à situação de pobreza que caracteriza um indivíduo ou um grupo como vulnerável. A concepção de pobreza é relativa e está conectada com dimensões políticas, morais e culturais de cada sociedade. Segundo Abramovay e Castro (2002), nas ciências sociais, os estudos sobre a pobreza e vulnerabilidade social passaram a enfatizar um caráter multidimensional, relacionada ao contexto, e inclui hoje o conceito de exclusão, marginalidade, cidadania incompleta, periferização, segregação, entre outros.

Condições de vida material, dificuldade de acesso a oportunidades sociais e culturais, e fatores motivados pelo imaginário social, como a discriminação e o medo, deixam segmentos da juventude efetivamente mais expostos aos riscos das grandes cidades e da violência estimulada, sobretudo, pela desigualdade social do Brasil (ABRAMOVAY; CASTRO, 2002).

É preciso levar em consideração todas as questões que giram em torno desses jovens, a convivência com violências de várias ordens, para que melhor se compreenda suas representações sobre a violência, ou seja, o ambiente social as

interações com a família, o bairro em que vivem, as relações de amizade e nos outros contextos que colaboram para estruturar seu desenvolvimento. Essa juventude vive a precariedade dos serviços públicos e das condições de vida, além do horizonte de restritas perspectivas de mobilidade social. Há pouco ou nenhum acesso a atividades de lazer e culturais. A carência de atividades de diversão na comunidade é explorada pelo tráfico que, em muitos lugares, marca presença, ocupando um espaço deixado em aberto pelo poder público, constituindo referência para os jovens. Observamos, tanto por análises, mas por força também da nossa vivência com esses jovens em suas escolas, do outro lado da margem, ou seja, como professora a defasagem do ensino formal frente às novas exigências de habilidades e conhecimentos. Não ao azar muitos jovens abandonam a escola para trabalhar, mas muitos também por desencanto com o conhecimento veiculado pela escola o que compromete seu processo de formação e capacidade profissional, assim como sua possibilidade de escolhas e perspectiva crítica. (Abramovay e Castro, 2002).

5.4.1 Quem são os sujeitos da pesquisa?

Utilizamos o espaço escolar do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia para a aplicação do questionário (apêndice 11.4), instrumento da parte quantitativa da pesquisa. O Colégio é uma referência na comunidade da região de Cajazeiras, construído no ano de 1979, possui atualmente mais de 1.500 alunos (as) matriculados em três turnos (manhã, tarde e noite). As famílias da região de Cajazeiras encontram no Colégio os cursos de Nível Médio Regular e Técnicos em Administração e Comércio.

Cento e noventa alunas (os) do 1º ano do Curso Médio Regular foram convidados (as) a responder o questionário desta pesquisa nos dias (18, 19 de maio e 10 de junho do corrente ano). Fizemos questão de aplicar pessoalmente o questionário por entendermos que o contato pessoal com os sujeitos pesquisados seria um elemento importante, mesmo se tratando de uma técnica quantitativa.

Normalmente, os dados quantitativos são obtidos, sem muita interação entre o pesquisador e os sujeitos investigados, mas como se trata de uma pesquisa que envolve métodos quantitativos e qualitativos, e as técnicas escolhidas, têm como objetivo a compreensão das representações desses sujeitos, não poderíamos apenas entregar o questionário, precisávamos ter esse contato mais próximo com os jovens.

Antes da entrega do questionário houve um diálogo informal sobre a importância das pesquisas acadêmicas para a sociedade como um todo e para a Sociologia, disciplina estudada por eles durante todo o Ensino Médio. Não tratamos de questões ligadas à pesquisa, apenas da confidencialidade das identidades, da utilização das informações para fins acadêmicos, da importância de assinalar as repostas mais fidedignas à realidade e questões de curiosidades dos jovens a respeito dos cursos de pós-graduação, sobre o significado dos níveis de escolaridade e sobre a auto declaração racial presentes no questionário.

Para a apresentação dos dados obtidos com os questionários, dividimos as informações em três categorias que são essenciais para as nossas análises ao longo deste trabalho: Perfil dos jovens; Perfil das famílias e Dados sobre a audiência dos telejornais baianos entre os jovens.

a) Perfil dos Jovens

Os dados apontaram que os jovens têm entre 14 e 17 anos, sendo que a maioria possui entre 15 e 16 anos, representando esses 44% e 33% respectivamente (gráfico 1); 58% desses jovens são do sexo feminino e 42% do sexo masculino (gráfico 2).

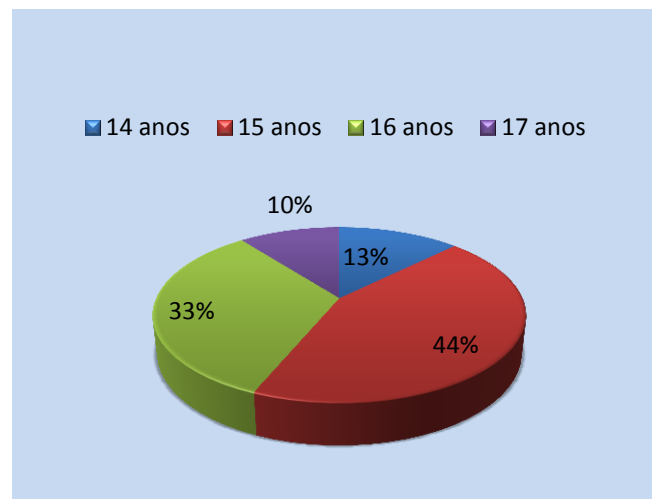


Gráfico 1: Idade dos jovens

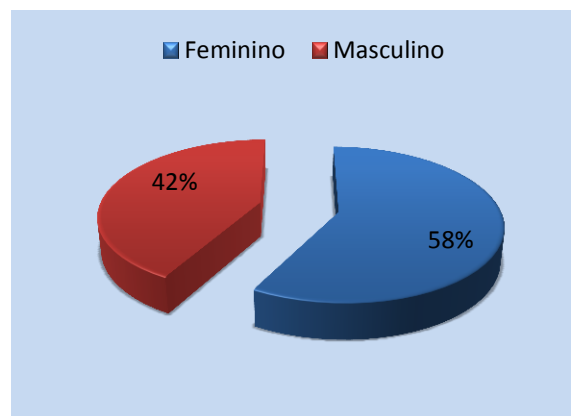


Gráfico 2: Sexo

Outro dado importante na caracterização dos jovens é a auto declaração racial. Mesmo sendo a declaração racial ⁶ um assunto profundamente controverso e de difícil definição, optamos no questionário em fazemos a seguinte pergunta: Você se declara? Branco (a), negro (a), pardo (a), amarela (a). Considerando que segundo o Movimento Negro e a literatura sociológica, raça se não tem valor biológico, está relacionada à afirmação indenitária, sendo assim, consideramos a auto declaração de negros e pardos.

⁶ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo demográfico de 2010, utiliza para a classificação de cor ou raça as opções: branca, preta, amarela, parda, indígena e sem denominação. Os resultados apontam uma redução da proporção branca, indicando que a população brasileira se declara predominantemente preta e parda.

Os dados confirmam as nossas expectativas quanto ao perfil racial dos jovens, grande parte deles são negros (as). Descrevemos no gráfico 3, os dados que apontam que 51% dos jovens se declaram negros(as), 33% pardos(as), 9% brancos(as) e 7% Amarelos(as). Deixamos claro que essas alternativas não se esgotam, poderíamos ter incluído uma série de outras denominações, mas preferimos nos dirigir apenas às alternativas (negro, pardos, brancos, amarelos e outros). Na aplicação do questionário, foi visível a dificuldade de alguns alunos (as) em se auto classificarem, alguns chegavam a interrogar ao colega ao lado sobre o que achavam da sua cor de pele. As conversas, normalmente, eram realizadas com tom de irônico: “Não sei, acho que você é azul”; “Sou amarelo (risos)”; “Sou desbotada, não sou negra!”. O que nos leva a perceber o quanto ainda temos que avançar no que diz respeito aos debates sobre auto declaração racial nas escolas.

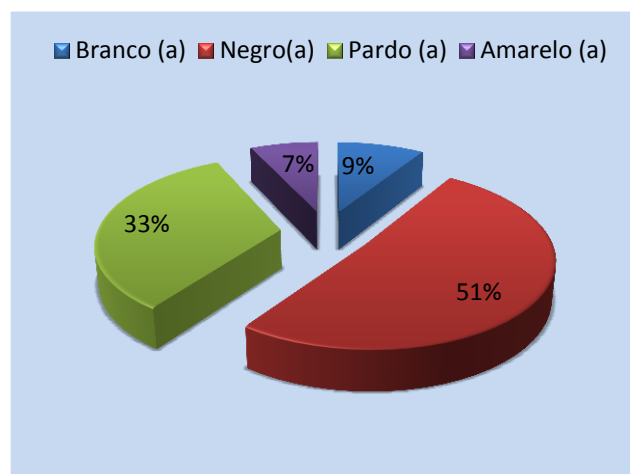


Gráfico 3: Raça

Em relação ao bairro em que moram, os jovens pesquisados apontaram o bairro de Cajazeiras, Castelo Branco e alguns outros (Águas Claras, Fazenda Grande, Vila Canária, etc.), são bairros localizados nas proximidades de Cajazeiras. O Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia é uma referência no Ensino Médio da região, sendo a única escola da área a oferecer cursos técnicos, por conta disso, recebe alunos de diferentes bairros. Mesmo assim, os dados indicam (Gráfico 4) que 48% dos (as) alunos (as) moram no bairro de Cajazeiras, 31% no bairro de Castelo Branco e mais 21% em variados bairros da redondeza.

O bairro de Cajazeiras é um dos mais populosos de Salvador. É dividido pelas numerações que diferenciam diferentes regiões do bairro, desde Cajazeiras 2 até a 11, com exceção da 9. O bairro conta com um grande comércio, 3 agências bancárias, agência dos Correios, escolas, uma faculdade, igrejas e dois hospitais. A região carece muito quando o assunto é transporte, lazer e segurança. O deslocamento para a “cidade” (termo usado para o centro da cidade de Salvador) é quase sempre penoso para a população do bairro, que conta com linhas de ônibus que são insuficientes para a demanda da população. O termo comumente utilizado “cidade” nos leva a inferir que os moradores do bairro são levados a acreditar que o local em que moram não pertence à cidade de Salvador em si, é como se a cidade fosse caracterizada como um lugar diferente, talvez um lugar mais “desenvolvido”, “cuidado” e “respeitado”. O lazer das crianças e jovens do bairro se resume às praças e quadras de futebol que não possuem a infraestrutura adequada e por conta da violência se tornaram áreas menos acessadas pelos jovens.

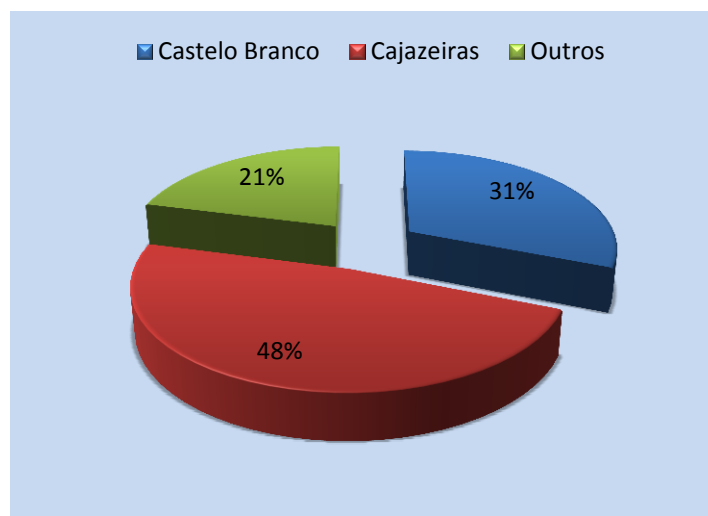


Gráfico 4: Bairro

b) Perfil das famílias

Sobre o perfil das famílias dos jovens, buscamos compreender qual a condição em que vivem e um pouco da sua organização familiar. De maneira alguma buscando encontrar ou caracterizar um modelo ideal de família. Quando perguntamos, por exemplo, quem é responsável por você? Diante da tamanha

variedade de formações familiares presentes na contemporaneidade, poderíamos ter inserido inúmeras alternativas. No entanto, escolhemos as figuras mais frequentes na responsabilidade para com os jovens: mãe; pai; mãe e pai; avós e a opção outros, que caracteriza qualquer outro indivíduo. Embora os dados (gráfico 5) apontem que 53% dos jovens estejam sob reponsabilidade de pai e mãe, compreendemos que essa afirmação pode corresponder a uma variedade de condições. O pai pode ser o biológico, que não mora necessariamente na residência, ou o considerado pai, ser o companheiro da mãe biológica e tantas outras possíveis variantes diante dos muitos universos familiares dos jovens. 39% estão sob responsabilidade das mães, em 3% dos casos, o pai é o responsável, em 4%, os avós são os responsáveis e 1% assinalou “outros”.

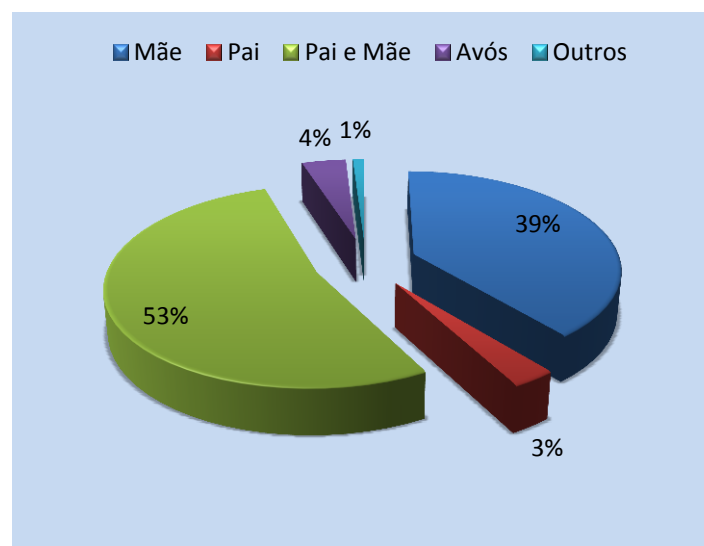


Gráfico 5: Responsável pelo jovem

Em relação à escolaridade dos pais, percebemos que alguns jovens não sabiam o que correspondia os níveis educacionais indicados, sendo necessária uma explicação sobre os diferentes níveis de escolaridade. Sobre a escolaridade das mães (gráfico 6): 50% concluíram o Ensino Médio, 20% o Nível Fundamental II, 12% não sabem, 11% possui Ensino Superior e 7% o Nível Fundamental I. Em relação aos pais (gráfico): 37% não sabem informar, 25% possuem o nível Médio, 20% Nível Fundamental II, 10% Nível Superior e 8% o Fundamental I. Segundo os dados, as mulheres têm maior escolaridade do que os homens.

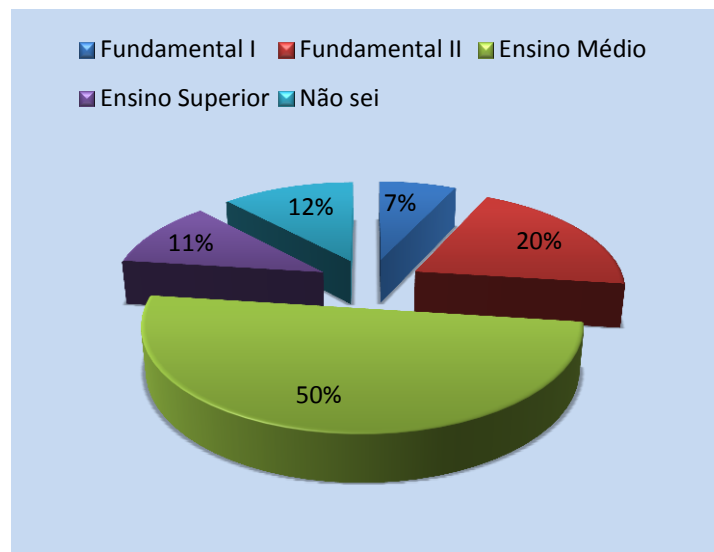


Gráfico 6: Escolaridade da mãe

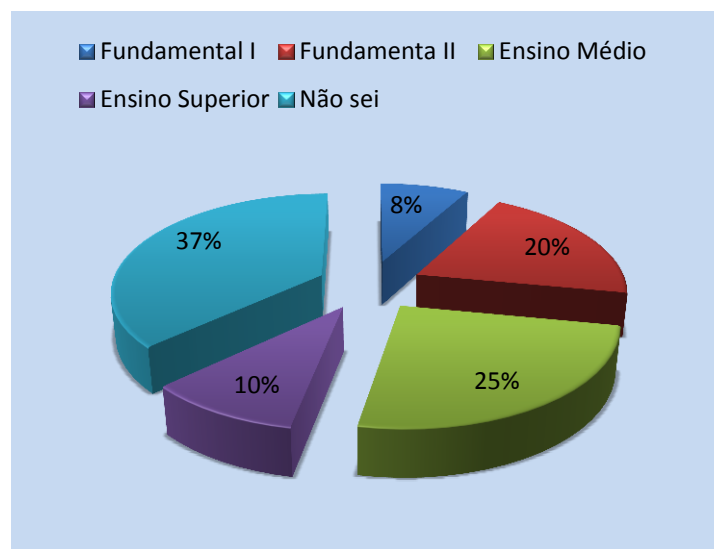


Gráfico 7: Escolaridade do pai

Sobre a condição sócio econômica das famílias, conseguimos dados (gráfico 8) que apontam que 77% dos jovens moram em residências que são consideradas próprias. Do conhecimento que temos a respeito do bairro de Cajazeiras, percebemos que existem muitos conjuntos habitacionais e entre eles, muitas ruas e quadras. A utilização de áreas territoriais, consideradas inutilizáveis, baldias, para a construção de imóveis é bastante comum. É muito comum também, nos bairros em que residem esses jovens, a aglomeração de casas construídas em áreas de difícil acesso e com risco de desabamento, chamadas, popularmente, de “invasões”.

Portanto, concluímos que o fato de 77% dos jovens afirmarem possuir casa própria, não é dado suficiente para inferirmos que esses jovens possuem uma qualidade de vida, no que diz respeito à moradia. Ainda 16% afirmam que sua residência é alugada, 4% financiada e 3% emprestada.

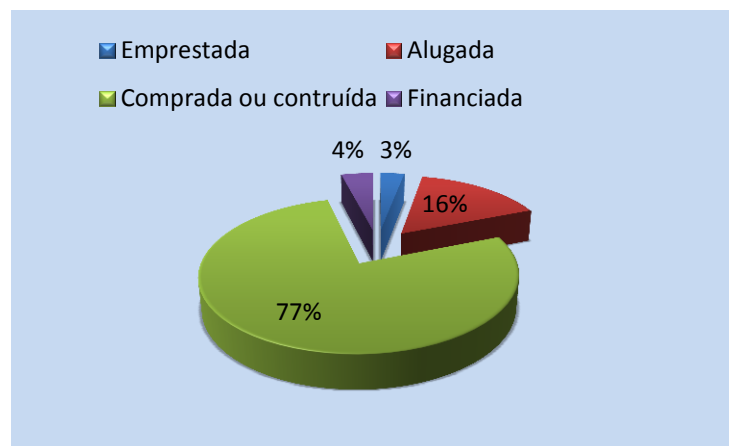


Gráfico 8: Residência

Sobre a renda da família, buscamos considerar a renda de todos os adultos que trabalham na residência. A renda média familiar (gráfico 9) de grande parte das famílias dos jovens pesquisados está entre 1 e 2 salários mínimos. As rendas familiares que giram em torno de 1 e 2 salários mínimos são consideradas pelos programas do Governo Federal, por exemplo, como de baixa renda. Essa classificação deve levar em consideração a quantidade de moradores da residência (gráfico 10), sendo assim, consideramos que os jovens pesquisados são de baixa renda, visto que em suas moradias residem 4 pessoas, que representam 40% dos dados; 3 pessoas, 26%; 5 pessoas, 19%; 2 pessoas, 10% e 6 pessoas que representam 5% dos dados.

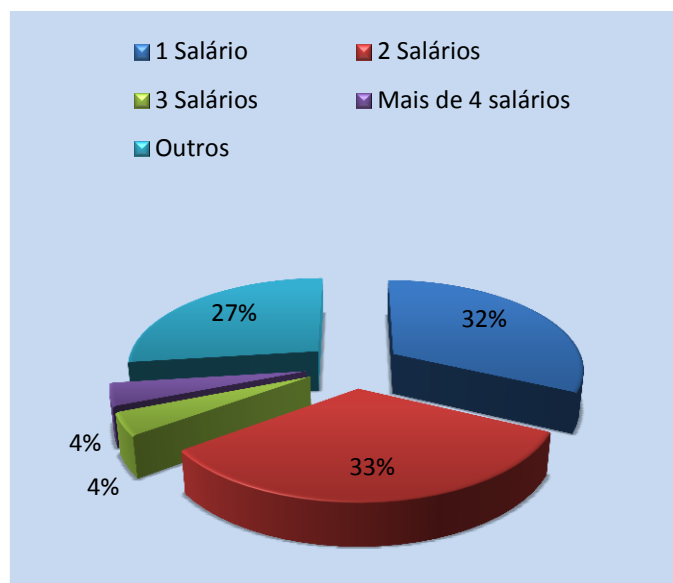


Gráfico 9: Renda familiar

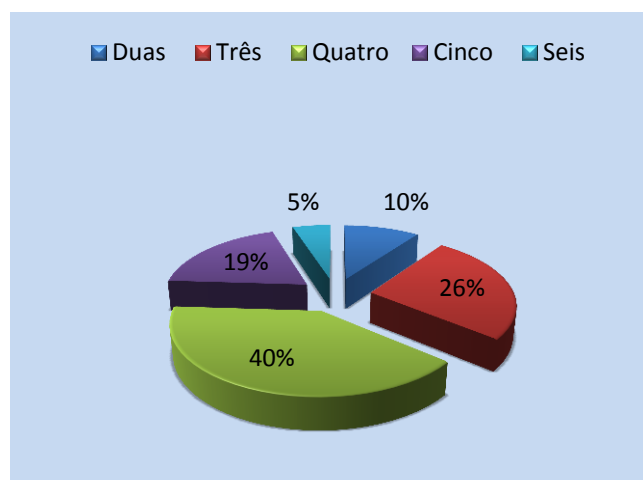


Gráfico 10: Quantidade de moradores na residência

C) Dados sobre a audiência dos telejornais baianos entre os jovens.

Para conhecermos os hábitos e gostos dos jovens no que diz respeito às mídias acessadas para a obtenção de informações e notícias no dia a dia, perguntamos inicialmente qual o meio de comunicação mais utilizado. A internet, com 58% das indicações, foi o meio mais apontado pelos jovens. Embora o acesso à internet seja um serviço pago, grande parte dos jovens

afirma utilizá-lo com frequência. A televisão é o segundo meio mais acessado, representando 41% e rádio 1% dos dados. Em relação ao tempo diariamente oferecido à televisão, os dados apontam que 51% dos jovens assistem por mais de 3 h; 22% em média 2h; 17%, 1 h e 10% menos de 1 h diária.

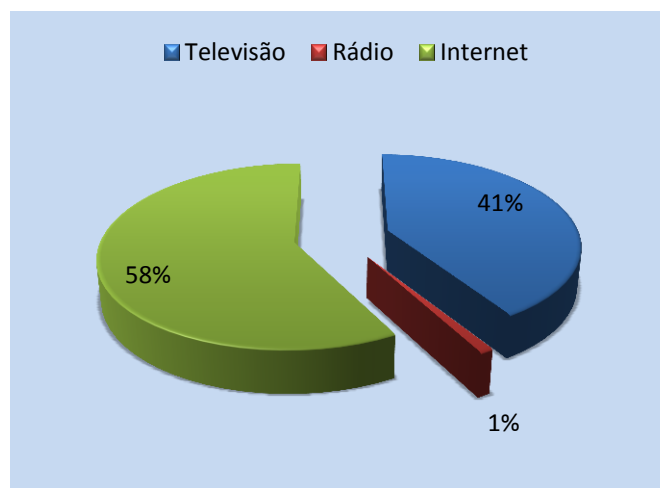


Gráfico 11: Meio de informação mais utilizado

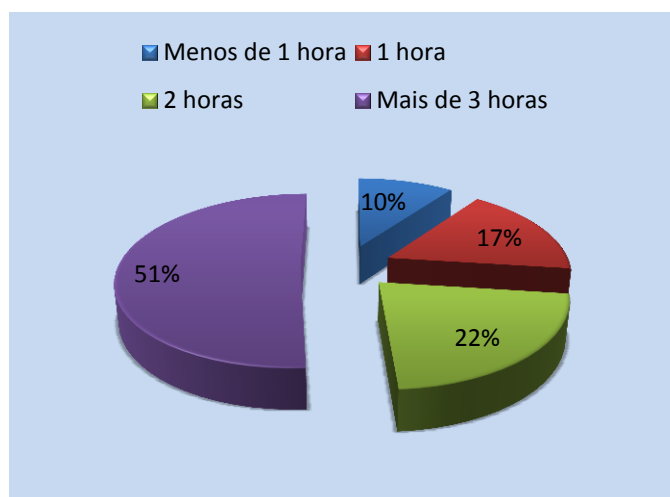


Gráfico 12: Tempo em que assiste televisão

Mais de 90% dos jovens afirmaram que conhecem e já assistiram aos programas de telejornalismo policial, o que confirma a nossa hipótese de que os jovens de famílias de classes populares de Salvador assistem aos

telejornais. 43% assistem diariamente; 31%, raramente; 12%, assistem 3 vezes por semana; 7% duas vezes por semana e 7% não assistem.

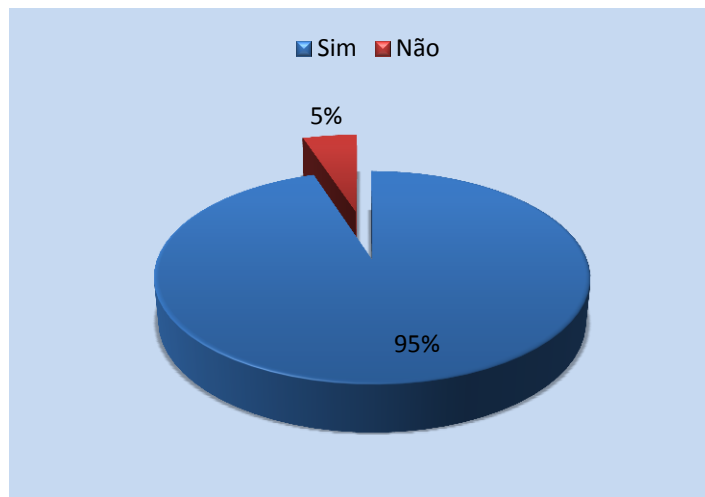


Gráfico 13: Conhece o telejornalismo policial?



Gráfico 14: Já assistiu ao telejornalismo policial?

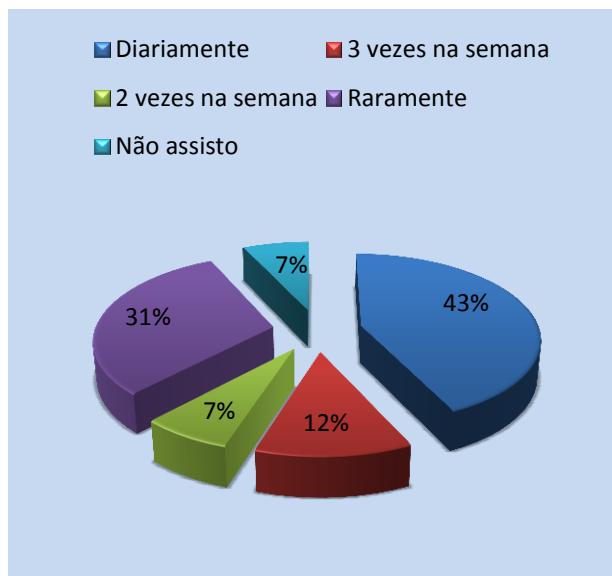


Gráfico 15: Frequência com que assiste ao telejornalismo policial

6. TELEJORNALISMO POLICIAL

Os programas de telejornalismo policial têm como alvo de audiência as classes populares. Esse formato de programa não é novo, uma das primeiras tentativas em fazer um programa de televisão que se aproximasse de questões polêmicas ligadas ao cotidiano das pessoas, envolvendo escândalos e violência, foi o programa “O Povo na TV”, na emissora do SBT na década de 80.

Posteriormente, ganha destaque, no final da década de 90, o programa Linha Direta na emissora Rede Globo que em nível nacional, segundo Teixeira (2002), trouxe uma proposta investigativa de casos de crimes que ainda não tinham sido solucionados pela polícia e justiça, em sua grande maioria crimes violentos contra a vida. A proposta do programa foi fazer a reconstituição de casos emblemáticos em diferentes estados brasileiros. Segundo Teixeira (2002), foi por conta da narração, representação, dramatização e todo um clima de suspense que se fazia presente nas edições, que o programa conquistou o gosto popular e permaneceu na grade da emissora até o ano de 2007 com altos índices de audiência.



Imagem 1: Programa Linha Direta

Inspirado no programa argentino, “O Nuevodiário”, o programa Aqui e Agora conseguiu aumentar a audiência da emissora SBT no início da década de 90. O telejornal foi inovador no estilo de apresentar com seis apresentadores na bancada, diferentemente dos demais telejornais da época que utilizavam no máximo dois (Martha Santos, 2006). Gil Gomes, apresentador que ganhou destaque pela forma como narrava os casos, apresentava as reportagens policiais e também fazia uma espécie de reconstituição de sequestros, assassinatos e assaltos, que envolvia ainda mais o público. No ar entre 1991 e 1997, o programa Aqui e Agora ensaiou um retorno em 2008, mas não conseguiu a audiência esperada pela emissora.



Imagem 2: Repórter Gil Gomes

Desde então, muitos outros formatos de programas buscam explorar a questão da violência. Segundo O Jornalista Carlos Amorim, especialista em programas investigativos, em entrevista ao “Ver TV”⁷ (12/07/2013):

Nos últimos anos, apesar da programação a nível nacional como o “Cidade Alerta” (Record) e o “Brasil Urgente” (Band) ainda fazerem sucesso entre os telespectadores, observa-se que têm crescido o número de programas a nível local em diferentes cidades brasileiras. Cidades como Salvador, que já chegou a ter seis programas neste formato. (AMORIM, Ver TV, 12/07/2013).

A Televisão aberta no Brasil atualmente exhibe programas de conteúdo policial que estão há bastante tempo no ar ou passaram por fases de suspensão e voltaram nos últimos anos. Temos como exemplo:

- O Cidade Alerta exibido pela emissora Record, no ar desde 1995;
- O Brasil Urgente da emissora Band que surgiu em 2001;
- O Balanço Geral também da emissora Record que está no ar desde 2006.

Estudos como o de Alex Teixeira (2002), que analisou a espetacularização da criminalidade por programas como o “Linha Direta”, da Rede Globo, confirmam que a mídia televisiva, através dos altos índices de audiência do jornalismo criminal, tem alimentado o fascínio que o poder da violência exerce em nossa sociedade. Segundo ele, a televisão não se contenta somente com a reprodução da realidade, ela tem o poder de mobilizar e construir emoções, sentimentos e condutas sociais, as imagens chocantes são um forte componente motivador, o que explica a forte audiência. Sobre esse poder de mobilização de emoções das imagens televisivas, Ferrés afirma:

As imagens televisivas não apenas ativam as emoções, como apontam a orientação que é preciso dar à energia, orientam a conduta, marcam uma direção para a ação. As imagens, sons

⁷ Programa apresentado pelo sociólogo e jornalista Lalo Leal, pesquisador na área de políticas da comunicação e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), o Ver TV acompanha as tendências e novas abordagens da televisão brasileira.

e gestos se conectam diretamente às emoções. Tem a capacidade para criar realidades, para gerar reações e emoções (amor, temor, raiva, dor, gozo). (FERRÉS, 1998, p. 37).

Grande parte das matérias apresentadas em programas que expõem a violência urbana utiliza-se de linguagens de fácil compreensão e são narradas de forma que não exijam uma reflexão sobre o que está sendo mostrado. Essa linguagem é ligeiramente entendida por jovens que segundo Sodré (1992), recebe a mensagem de televisão como algo verdadeiro e natural, sem reflexão ou questionamentos. Para Bourdieu (1997), essas mensagens prontas deturpam a realidade e os telespectadores se apropriam das ideias que o telejornal quer transmitir. Mensagens muitas vezes estigmatizadas da violência urbana e principalmente de moradores de bairros das periferias das grandes cidades, em sua maioria pobres e negros.

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos. (BOURDIEU, 1997, 47).

As imagens veiculadas em determinados telejornais é de uma pobreza criminalizada, representada por jovens em sua maioria negros, violentos e dispostos a qualquer coisa para conseguirem o que desejam. Esta aproximação entre pobreza e violência pode gerar intensos conflitos entre os moradores de bairros periféricos que se sentem rebaixados e desqualificados por fazerem parte dessa pobreza “mal vista” pela sociedade. Os bairros pobres representam o lugar do desconforto, da insegurança, inibidores de realizações e, por isso, ambiente de frustração e vergonha para os seus moradores, Espinheira (2002).

6.1 COBERTURA BAIANA: “A VIDA COMO ELA É”?

Em Salvador, nos últimos 10 anos, as emissoras locais têm investido no formato de Telejornalismo Policial. No ano de 2012 o telejornalismo policial chegou a ocupar dois turnos da grade de programação das principais emissoras, no final da manhã e no final da tarde, horários em que os telespectadores, normalmente, estão realizando as suas refeições. Para os jovens talvez seja o principal veículo de informação em se tratando de mídia televisiva.

No ano de 2016 observamos algumas novidades nas grades de programação das emissoras. Substituindo o “Na Mira”, entrou no ar o telejornal “Ronda”; O “Balanço Geral”, da TV Itapuã, filada da Record, transmitido durante o horário de meio dia voltou a ser apresentado por Zé Eduardo, conhecido como Bocão, que possui uma larga experiência em programas com esse formato. É preciso esclarecer que o programa Balanço Geral, no ar desde 1985, é um programa presente na grade nacional da emissora Record, e em Salvador possui uma edição no horário da manhã que é apresentada por Raimundo Varela, tendo como pauta principal as notícias diárias, mas sem deixar de lado os recursos sensacionalistas⁸. Já a segunda edição, apresentada por Zé Eduardo, tem como foco principal o conteúdo do telejornalismo policial, embora não se apresente como tal. Em relação ao termo sensacionalista, Pedroso estabelece o que seriam os definidores de tais programas:

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; ambivalência linguística – semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da notícia; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional, destaque de elementos insignificantes, supérfluos. (PEDROSO, 1983, p. 27).

⁸ Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa “S. m. 1. Sensacionalismo é divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar; 2. Atitude chocante.

Tais telejornais utilizam-se de forte sensacionalismo nas chamadas e na veiculação das notícias. São reportagens que dramatizam os acontecimentos e são acompanhadas pelos discursos e posicionamentos pessoais de apresentadores que recorrem a comentários preconceituosos, intolerantes e estigmatizadores da violência na cidade de Salvador. Esses apresentadores criam uma performance e códigos linguísticos em que se utilizam de elementos que sejam reconhecidos pelas práticas culturais dos telespectadores, dessa forma, se mostram familiares aos olhos de quem acompanha os noticiários. Não é raro observar em uma roda de conversa entre jovens de escolas públicas de Salvador, que esses telejornais “mostram a vida como ela é”, mesmo discurso que é exaustivamente repetido pelos apresentadores. Isso mostra o poder mobilizador desses apresentadores.

A dramatização assistida pelos apresentadores e repórteres nesses telejornais pode ser comparada ao que Goffman (2002) chama de “expressão emitida pelo ator”, compreendida como uma expressão teatral, quando o indivíduo confere aos seus interlocutores a possibilidade de fazer inferências sobre a sua personalidade. Os apresentadores de programas populares disseminam uma imagem idealizada na medida em que tentam se enquadrar às expectativas dos telespectadores, utilizando linguagem, gestos e gírias que fazem parte da rotina da população mais humilde na tentativa de conquistar-lhes respeito e admiração. Além disso, a mensagem que este apresentador (ator) tenta transmitir é de uma pretensa preocupação com os problemas enfrentados pelas comunidades carentes, de modo a fazer com que os telespectadores o vejam como aliados, como porta vozes das suas dores e aflições.

Segundo o site da emissora Aratu e os seus idealizadores, os telejornais com o estilo policial, como o Ronda, têm o objetivo de oferecer um serviço de informação à sociedade, mostrando o aumento da violência na cidade e contribuindo para a elucidação de casos que envolvem crimes de todos os

tipos, aproximando os telespectadores das situações vividas nas ruas de Salvador.

Do ponto de vista do jornalismo, o impacto que cada programa cria com a sua própria audiência, vai orientá-lo sobre o que produzir em cada programa, quais os aspectos que serão prometidos e pactuados entre o programa e o telespectador. Esses telejornais aumentam o que para Danilo Duarte (2007) é representado como Jornalismo denúncia, pois o programa passa a ideia de que faz uma prestação de serviço à sociedade, delatando os abusos e transgressões sociais que possam estar acontecendo ou vir a acontecer.

Alguns recursos jornalísticos apontados por Danilo Duarte (2007) que, normalmente, são utilizados por esse formato de programas são:

- Apresentadores, comentaristas, correspondentes e repórteres, estabelecem uma aproximação com o telespectador no interior do programa e ao longo da sua história dentro do campo jornalístico;
- Áudio como recursos da linguagem televisiva (áudio é tratado de forma sensacionalista, com uso de trilhas de suspense, recriação de sons de tiros e gritos, além de um texto verbal carregado de aspectos dramáticos);
- Modo de endereçamento para alguns teóricos é o mesmo que gênero televisivo;
- Relevância e interesse público;
- Presença de repórter no local do acontecimento;
- O programa dispõe de imagens ou áudios de determinado evento;
- Transmissão de uma notícia ao vivo, de forma simultânea.

Quando o mundo real se transforma em simples imagem, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não pode

ser identificado pelo simples olhar, mesmo que este esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. É o contrário do diálogo. Sempre que haja representação independente, o espetáculo se reconstitui. (DEBORD, 1997, p.18).

Segundo pesquisas recentes realizadas por Weisselitz, como o Mapa da Violência 2015, Salvador está entre as capitais com maiores índices de homicídios de jovens, os dados apontam que essa violência atinge significativamente, a população jovem, negra e geralmente de baixa renda.

Na medida em que assistimos a tais telejornais e buscamos compreender as representações dos jovens sobre a violência apresentada, não podemos deixar de discutir as condições com que, os jovens infratores e suspeitos de infração, são postos e tratados por essa mídia. Para Pinheiro (2015), essa mídia sensacionalista desrespeita os direitos elementares dos suspeitos detidos que são filmados e humilhados para que o espetáculo ocorra.

Os jovens que praticam atos infracionais são ridicularizados e estigmatizados⁹ por essa mídia televisiva. O conceito de estigma desenvolvido por Goffman (2002), oferece uma série de interpretações, mas neste caso, entendemos que esses indivíduos em conflito com a lei são estigmatizados na medida em que são apresentados pelos telejornais como sujeitos que deveriam ser afastados do convívio social. Indivíduos marcados por uma “natureza violenta” disposta a praticar o mal, portanto, sem direito à recuperação, já “condenados” pelas imagens e discursos de apresentadores que contribuem para a construção do que Zélia Melo (1999) chama de “identidade deteriorada”. Segundo ela, a sociedade reduz as oportunidades, os esforços e movimentos, não atribuindo valor, impedindo a perda da identidade social e determinando uma imagem deteriorada desses indivíduos.

⁹ O estigma era a marca de um corte ou uma queimadura no corpo e significava algo de mal para a convivência social. Podia simbolizar a categoria de escravos ou criminosos, um rito de desonra etc. Era uma advertência, um sinal para se evitar contatos sociais, no contexto particular e, principalmente, nas relações institucionais de caráter público, comprometendo relações comerciais. ZÉLIA MELO (1999) em “Os estigmas: a deterioração da identidade social”.

Embora exista iniciativa de vários setores para a superação das violações de direitos dos jovens por parte da mídia, ainda é grande a exposição de jovens “autores” de atos infracionais a situações de acusação, degradação, exposição e humilhação por programas de conteúdo popular na grande maioria das cidades brasileiras. Não pretendemos colocar os jovens autores de atos infracionais na posição de vítimas da mídia, mas sim, posicioná-los como sujeitos de direitos, que devem ter a sua dignidade respeitada ainda que tenham praticado ações criminais.

O crescimento da violência potencializou o apelo por segurança por parte da opinião pública o que fez, dentre outros motivos, atrair a audiência para esses telejornais que dizem contribuir para a elucidação de casos de violências. Programas em que apresentadores traduzem através de seus discursos a indignação de grande parte da população amedrontada com a criminalidade.

A questão principal posta em discussão é a forma humilhante e degradante que os suspeitos ou praticantes de crimes são expostos para a sociedade e para os jovens estudantes que são sujeitos de nossa pesquisa. Segundo o Dr. Egberto de Almeida Penido (2013)¹⁰, juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude de SP, a exposição dos sujeitos em conflito com a lei, muitas vezes adolescentes, apresenta-se como uma resposta à sociedade. É como se o indivíduo apreendido e presente ali na matéria não possuísse nenhuma dignidade e devesse ser humilhado e exposto diante do ato supostamente praticado. Os discursos dos apresentadores acabam transmitindo uma ideia de impunidade, no caso específico dos adolescentes, reafirma a impressão da opinião pública, a de que os adolescentes não serão punidos, que serão imediatamente soltos, o que segundo Dr. Egberto, isso não corresponde à verdade já que medidas socioeducativas são utilizadas na tentativa de

¹⁰ Debate realizado pelo programa Ver TV, em 12/07/2013, com o tema: “A cobertura policial ganha destaque na TV”.

ressocialização dos menores. O juiz afirma ainda que os casos de crimes hediondos praticados por adolescentes são muito pequenos.

Alguns casos específicos apresentados em telejornais repercutem nacionalmente, como foi a entrevista realizada pela repórter Mirela Cunha exibida no ano de 2012 no Telejornal Brasil Urgente de Salvador, filiada da emissora Band. Em uma nota de repúdio a Presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, Marjorie Moura, mostra a indignação de uma parte dos jornalistas baianos acerca da forma vexatória como os suspeitos ou praticantes de atos infracionais são tratados por tais programas:

A reportagem da jornalista Mirella Cunha exibida no programa “Brasil Urgente”, da Band Bahia, na qual um jovem negro que acabara de ser preso acusado de assalto e estupro é, sistematicamente, oprimido e humilhado é uma pequena amostra de uma luta travada nos últimos anos na Bahia contra os desrespeitos constantes aos direitos humanos praticados por programas de televisão sensacionalistas que invadem as residências dos baianos, principalmente no horário de meio-dia, expondo corpos de vítimas de homicídio, entrevistas intimidantes com suspeitos de crimes em delegacias, famílias de jovens que sofreram abuso sexual, além de outras formas de violência. Como agravante, a maioria dos casos tratados nestes programas são arquivados por falta de provas. A reportagem da Band Bahia ganhou visibilidade graças à internet, mas inúmeras outras, igualmente terríveis são exibidas a cada dia. (CORREIO DA BAHIA, 22/05/2012).

A mídia termina produzindo e reforçando estereótipos contra a população jovem negra de bairros periféricos de Salvador. Os jovens moradores de bairros pobres convivem diariamente com esta imagem estigmatizada por serem negros (as), pobres, ou simplesmente, por serem jovens em uma comunidade apresentada diariamente nos telejornais como áreas de criminalidade, onde acontece o que há de mais negativo na sociedade.

6.1.1 Análise audiovisual de alguns telejornais baianos

Fizemos uma análise audiovisual de algumas edições dos principais telejornais de conteúdo policial da cidade de Salvador. Selecionamos três programas: “Ronda”, “Que Venha o Povo” e “Balanço Geral”. A análise nos ajuda a compreender um pouco mais sobre o formato desses programas, os conteúdos e notícias veiculadas. Lembramos que o nosso objetivo não é fazer uma análise minuciosa dos aspectos jornalísticos, logo selecionamos três edições de cada programa, dando destaque às notícias ligadas à violência. Não fizemos a descrição da edição dos programas por completo, sendo assim, algumas notícias que dizem respeito às necessidades e carências de algumas comunidades, com falta de água, falta de luz, não foram citadas. Assim como, entrevistas com especialistas, propagandas de variados produtos e serviços que são noticiados diariamente, não foram descritos ao longo dessas análises. Buscamos destacar apenas as notícias que envolveram os diferentes casos de violência na cidade de Salvador. Na tabela 1, apresentamos de forma resumida os programas, as edições analisadas e as notícias apresentadas. Em seguida fazemos as análises de cada telejornal, edição e notícias.

Tabela 1: Telejornais, edições e notícias.

TELEJORNAL	EDIÇÃO	NOTÍCIAS
RONDA	11 de março	Baixaria na porta da escola.
		Pai baixa o cacete em filha.
		Tráfico de drogas: casal preso.
	18 de julho	Vídeo: Traficantes encapuzados.
		Jesus
		Duplo homicídio na Calçada.
20 de julho	Os meninos de 7 de Abril.	
	Tentativa de assalto a supermercado.	
	O cara meteu a madeira na mulher.	
QUE VENHA O POVO	11 de fevereiro	Encosta no Calabetão.
		Poste ameaça cair.
		Duas mortes em Cajazeiras.
	18 de julho	Eles querem estudar.
		Professora corta a língua de aluno.
		Homem é espancado no Dique do Tororó.
	Cajazeiras vivendo sob tensão.	

	20 de julho	Pensão alimentícia.
		Protestos de estudantes da UFBA.
		Assalto a ônibus.
BALANÇO GERAL	01 de agosto	Morte de jovem em <i>lan house</i> .
		Uma jovem é presa com maconha.
		Morte de mecânico em São Cristóvão.
		Corpo em mala de carro no Ogunjá.
	03 de agosto	Há um ano irmão busca por justiça.
		Homem de 19 anos estupra menino de 11.
		Câmeras mostram assalto a carro.
		Garoto de 8 anos morre afogado.
		Caso do menino eletrocutado.
	04 de agosto	Turista assaltado no Pelourinho.
		Confusão na Ilha de Itaparica.
		Duas mulheres furtam em mercadinho.
		“Batista”: Lixo, cães e gatos.

a) Telejornal Ronda

O Telejornal “Ronda” passou a fazer parte da grade de programas da emissora Aratu, filiada do SBT, no mês de fevereiro deste ano. É apresentado de segunda-feira a sexta-feira das 12h10min às 12h45min. O telejornal veio a substituir o programa “Na Mira”, conhecido como um dos telejornais de conteúdo policial que mais explorava os casos de violência, de sofrimento, das vítimas e dos suspeitos dos mais variados crimes. Segundo o site da emissora, o novo programa “Ronda” busca trazer para as telas baianas mais agilidade e um visual inovador, no que se refere aos programas policiais no Brasil, além de mostrar a verdade dos becos e vielas de Salvador, sob o comando de Murilo Villas Boas, que além de apresentar o programa no estúdio, também realiza algumas matérias que são gravadas na externa. Fábio Gomes é o repórter responsável pelas coberturas ao vivo. O programa traz o seguinte slogan: “Ronda: A vigilância está reforçada, o estúdio é na rua!”. Deixando claro para os telespectadores que o programa está muito perto da população e de suas aflições.

O Telejornal “Ronda” se destaca dos demais pela forma agressiva com que o apresentador se mostra ao público. Dono de uma voz rouca, o apresentador inicia o programa aos gritos, já anunciando e mostrando imagens da notícia

destaque daquela edição. A “notícia destaque” é a informação que deve chamar mais a atenção dos telespectadores em uma determinada edição do telejornal e por conta disso, é a notícia que permanece mais tempo no ar. As imagens e informações sobre o caso são repetidamente mostradas. Durante a exibição das reportagens, o áudio é um recurso muito utilizado, gritos de socorro, de ambulâncias, de tiros, ajudam a compor o clima de suspense, ansiedade e medo entre os telespectadores. Quanto à caracterização física do cenário, trata-se de um espaço pequeno, composto apenas com uma tela em que são transmitidas as reportagens gravadas e as chamadas ao vivo, além da figura do apresentador que se movimenta o tempo todo por esse pequeno espaço.

➤ **Análise do dia 11 de março de 2016 (sexta-feira)**

1º caso: “Baixaria na porta da escola.”

Ao iniciar o programa do dia 11 de março de 2016, o apresentador mostra as imagens de duas meninas brigando na porta de uma escola estadual. Murilo anda de um lado para o outro do pequeno estúdio, gesticula e grita:

“Meu Deus! É cachorro louco!”

“O mega hair caiu!”

“Se tinha piolho, já caiu tudo!”

“O cabelo de boneca já não tem!”

“Adolescentes brigam na porta da escola!”

As imagens mostram duas meninas negras que se agridem no centro de uma grande roda de jovens que gritam e excitam por mais agressão entre as duas. O apresentador, em tom irônico, evidencia o cabelo de uma das meninas “mega hair”, que termina sendo retirado pelas mãos da outra garota. O mega hair é uma característica física da garota, optou por cabelos mais alongados do

que seu natural, e que termina virando destaque na reportagem. Neste caso específico, nenhuma informação mais detalhada sobre o ocorrido foi transmitida aos telespectadores: escola, dia, horário, motivo da briga. A notícia ficou por conta das imagens das garotas brigando e o discurso debochado do apresentador que dá destaque ao cabelo de uma das jovens. Provavelmente, os editores do telejornal tenham conseguido as imagens através de cinegrafistas amadores presentes na cena. Atualmente, por conta da facilidade das filmagens através dos celulares, os telejornais e programas em geral têm se utilizado muito dessas filmagens.

2º caso: “Pai baixa o cacete na filha.”

O segundo caso mostra imagens de um pai tirando a filha de um ônibus, na “base da porrada”. Provavelmente, mais uma vez, as imagens são produzidas por amadores, populares presentes no momento da agressão no coletivo. As imagens são acompanhadas pelas seguintes frases do apresentador:

“Ou estuda ou dá nisso...”

“Alguma coisa feia aconteceu!”

Nenhum tipo de informação sobre o fato ocorrido: local, motivo da agressão, identidade das pessoas envolvidas. Para nós telespectadores, ficou a impressão de que o objetivo da transmissão foi apenas as imagens de mais uma agressão. Desta vez, um pai que retira a filha adolescente de um coletivo, bruscamente, com tapas e pontapés. As imagens são rápidas e foram repetidas inúmeras vezes. Além das imagens, o discurso do apresentador parece culpabilizar a vítima, alegando que a mesma não estudou e que os tapas e pontapés proferidos pelo pai são justificados por “alguma coisa feia” feita pela jovem. Tivemos a impressão de que a violência realizada pelo pai tinha uma justificativa, os tapas e pontapés foram encarados, como uma “correção”.

3º caso: “Tráfico de drogas: casal preso em flagrante.”

Neste caso, um casal é preso em flagrante com drogas. A reportagem mostra um rapaz que insiste em dizer que a menina não entra em nada. O apresentador argumenta:

“O cara diz que a menina não entra em nada.”

“A jovem já tinha passagem pela polícia.”

“Menina bonita.”

O destaque da reportagem fica por conta do rapaz que insiste em dizer que a menina não entra em nada. Além das constantes observações do apresentador sobre a beleza da jovem apreendida. Uma jovem de pele branca e de olhos claros. Em muitos momentos o apresentador lamenta o fato da jovem ter se envolvido com as pessoas erradas. Os argumentos nos levam a pensar, que pela bela aparência, a jovem poderia ser “alguém” na vida, mas se perdeu no envolvimento com marginais. Esse é um discurso muito presente nesses telejornais quando o perfil dos apreendidos foge à figura dos (as) jovens negros (as). Infelizmente a aparência de uma pele mais clara, conduz o discurso dos apresentadores que se sensibilizam com o (a) jovem que se “perdeu”, a impressão que transmitem para os telespectadores é que tais jovens não deveriam estar ali. E se além da aparência da pele clara, o apreendido sugerir fazer parte de uma classe social mais favorecida, percebemos que não há uma insistência dos repórteres para que mostrem o rosto. Normalmente os discursos ficam presos à aparência, utilizando-se de forte sensacionalismo: “princesinha”, “galã”, “universitário”, etc.

4º caso: Vídeo: “traficantes encapuzados”.

O apresentador divulga um vídeo em que afirma que duas jovens e um rapaz são traficantes. O vídeo mostra o grupo armado, com os rostos cobertos por bonés, aterrorizando, ameaçando, apontando armas para os “traidores” (Imagem 3).



Imagem 3: Bonde do maluco (transmitida pelo telejornal "Ronda" em 11 de março de 2016)

O apresentador grita:

“Você tem noção do que eles e elas fazem?”

“É filme de terror!”

“Eles torturam! Matam!”

“Isso acontece em seu bairro, Cajazeiras, Castelo Branco, Águas Claras...”

“Você aceita isso?”

Com o recurso do Whatzapp, muitas mensagens de voz e de vídeo são compartilhados entre grupos de criminosos para aterrorizar e ameaçar os grupos rivais e os moradores de determinadas comunidades. Como telespectadores, tivemos a impressão de que se tratava de mais um desses vídeos que são divulgados pelas redes sociais. O apresentador através de seus discursos termina reforçando o medo entre os moradores dos bairros periféricos de Salvador. Os (as) criminoso (as) desejam transmitir o terror entre a comunidade e a mídia coopera para que o medo e a insegurança tomem conta de determinados bairros da cidade. Diante da fácil transmissão de som e imagens oferecidas pelas mídias e redes sociais, os telejornais deveriam se

preocupar minimamente com o conteúdo das produções, o contexto em que é criado e quem são os autores dos áudios ou vídeos reproduzidos. Um outro elemento apresentado pela “notícia” é a presença cada vez mais presente das figuras femininas envolvidas no tráfico de drogas.

➤ **Análise do dia 18 de julho de 2016 (segunda-feira)**

1º caso: “Jesus.”

O telejornal é iniciado com as imagens de um rapaz de cabelos compridos sentado em via pública no bairro de São Rafael. Enquanto a imagem é mostrada o apresentador (aos gritos) chama o rapaz de “Jesus”. Ao longo da exaustiva exposição da imagem de “Jesus”, percebemos que o apresentador se refere ao rapaz como Jesus, pois o mesmo denomina-se como tal. Jesus se encontrava no asfalto algemado pela polícia, preso em flagrante por jogar pedras nos veículos que transitavam pela região do bairro do São Rafael. “Jesus” estava completamente transtornado e aparentava estar sob o efeito de alguma droga. Provocado pelo repórter, o acusado se mostrou muito agressivo e repetia várias vezes: “Se quiser me matar pode matar”.

2º caso: “Duplo homicídio no bairro da Calçada.”

Um casal é encontrado morto e com os corpos juntos e amarrados pelos braços. Logo após o apresentador narrar o caso, aparece no “telão” do estúdio o repórter entrevistando os familiares da mulher morta. Segundo a filha da vítima, a mãe era usuária de drogas e morava na rua há alguns anos. Ela acredita que o crime pudesse ter sido motivado por alguma dívida com o tráfico de drogas da região. Enquanto a filha da vítima chora e é entrevistada pelo repórter, imagens dos corpos sendo retirados do local do crime são expostas. O que mais nos chama atenção nesta notícia é a situação da filha, naquele instante, ela precisa dar entrevista ao telejornal e ao mesmo tempo ver ser retirado o corpo da mãe do local do crime. Percebemos total exposição da família naquele momento de dor.

➤ **Análise da edição do dia 20 de julho de 2016**

1º caso: “Os meninos de 7 de Abril.”

O apresentador anuncia que dois craques da bola, que já jogaram por times Júnior, acabaram entrando no mundo do crime. Os jovens foram presos por estarem planejando um assalto a um posto de gasolina. Os jovens dizem para o repórter que já viajaram por todo o Brasil, que jogaram em times importantes, mas por conta da falta de incentivo e espaço nos clubes, acabaram parando no mundo do crime. O repórter grita: “Ele dizem que querem mudar de vida”. Quando o apresentador fala do mundo do futebol, os dois sorriem, se emocionam e um deles diz: “Isso não é vida para mim”. O apresentador é irônico e pede para reprisar quando os jovens dizem que estão cansados dessa vida e que querem voltar para o futebol. Pergunta como eles jogavam e pede para, que no estúdio, coloquem a música do Skank “Uma partida de futebol” como trilha sonora. Os jovens simulam um jogo, mostram como chutavam e as imagens são repetidas inúmeras vezes.

2º caso: “Tentativa de assalto a supermercado.”

A matéria foi apresentada ao vivo. O apresentador narra: “Suspeitos de tentarem assaltar supermercado na Rótula do Abacaxi são presos”. Segundo informações da polícia, a dupla se preparava para cometer um assalto ao supermercado. Apresentador:

“A população deve ter cuidado, tem uma quadrilha que está assaltando todos os mercados de Salvador e às vezes sequestram.”

“Todos devem tomar cuidado, evitem andar desacompanhados.”

3º caso: “O cara meteu a madeira na mulher.”

Em Abrantes, briga entre marido e mulher. O homem aparece preso na delegacia, mas nega que bateu na esposa. Não foram transmitidas maiores

informações sobre o caso. O apresentador interrompe a transmissão do caso para dar visibilidade à outra ocorrência : “Mega operação contra o tráfico de drogas no centro da cidade”. Ao mesmo tempo, mostra imagens aéreas do tráfico de drogas no centro da cidade de Salvador. A matéria ganha destaque pelas imagens aéreas que são transmitidas e pelo discurso do apresentador sobre o tráfico na região do centro.

“O crack aumenta a violência.”

“PMS tiveram na área em busca de traficantes.”

“Essa região não é brincadeira.”

b) Telejornal Que Venha o Povo (QVP)

O telejornal se apresenta como uma espécie de revista que traz informações dos acontecimentos diários na cidade de Salvador e do interior da Bahia. É apresentado de segunda à sexta, das 10:45 às 12:10 da manhã pelo apresentador Casemiro Neto. O programa busca, através de uma linguagem popular, oferecer notícias e variados “serviços à população”. O QVP, como é popularmente chamado, possui um cenário com vários telões que transmitem as imagens e notícias gravadas e chamadas ao vivo. Há ainda uma bancada para o apresentador e cadeiras para os convidados. Diariamente são convidados ao estúdio especialistas de diversas áreas que são entrevistados pelo apresentador. Também são noticiadas algumas vagas de emprego disponíveis. Através do quadro, “Bronca do Casé”, o telejornal reserva um espaço para as denúncias e aflições dos telespectadores, demonstrando uma maior aproximação com o público. Durante uma notícia e outra, é grande o tempo oferecido às propagandas de produtos, clínicas, planos de saúde, etc.

As notícias sobre violência são apresentadas no último bloco, sempre com os recursos de sons que sugerem gritos, tiros e sofrimentos. No quadro em que apresenta os casos de violência, o apresentador aumenta o tom de voz

e intercala as imagens das notícias que são apresentadas através de um telão, com os seus discursos sobre os casos. Antes de encerrar o QVP, o apresentador anuncia a entrada do telejornal “Ronda”.

➤ **Análise do dia 11 de fevereiro de 2016 (quinta-feira)**

1º caso: “Encosta no Calabetão.”

Pessoas pedem um corrimão em uma área alta de uma encosta. Segundo os moradores do Calabetão, já ocorreram três mortes na região. O repórter foi até ao local e entrevistou os moradores.

2º caso: “Duas mortes em Cajazeiras.”

A reportagem trata de duas mortes que ocorreram no dia anterior no bairro de Cajazeiras. Segundo a reportagem ocorreram trocas de tiros entre policiais e traficantes que resultou na morte de um policial e um traficante.

“Intensa troca de tiros.”

“População apavorada, vivendo à mercê do nada.”

“Clima de medo no bairro de Cajazeiras.”

“A violência faz parte do dia a dia, fica parecendo que é programa policial.”

➤ **Análise do dia 18 de julho de 2016 (segunda-feira)**

1º caso: “Eles querem estudar.”

Protesto dos estudantes da Rede Estadual de Educação na Avenida Paralela em direção ao Centro Administrativo da Bahia (CAB). Muitas escolas

estaduais estavam sem aulas por conta da falta dos funcionários terceirizados da limpeza, merenda, portaria, que estavam com seus salários atrasados. Por conta da falta de pagamento dos terceirizados, os estudantes estavam se mobilizando, reivindicando o pagamento dos salários para que voltassem a ter aulas normalmente. O programa QVP, através de uma repórter de rua, dá visibilidade à mobilização, mas o que percebemos enquanto telespectadores foi a insatisfação do apresentador em alguns momentos. Desde o início da matéria, o apresentador deixou claro que era contra as manifestações nas ruas de Salvador por conta de todos os transtornos que causam à população. Além disso, criticava fortemente os erros de português presentes nos cartazes dos jovens:

“Não é possível que esses meninos estejam escrevendo assim.”

“Pelo amor de Deus. Assim não dá.”

“Isso é inadmissível nessas idades!”

“Prefiro achar que foi um engano.”

Como responsável por formar e comunicar, pensamos que o apresentador poderia aproveitar o ocorrido para falar sobre as péssimas condições da educação pública, do sucateamento das escolas, do desrespeito com os profissionais de educação e, principalmente, com os funcionários terceirizados que há 3 meses não recebiam salários. Sem falar da iniciativa de mobilização dos jovens no exercício da cidadania. Pensamos que essas discussões deveriam ser realizadas durante a reportagem. Afinal de contas, foi por esse motivo que os jovens estudantes foram para as ruas e se expuseram.

2º caso: “Professora corta língua de aluno.”

Uma professora de educação infantil é acusada de cortar a língua de uma criança de 4 anos, em uma escola particular do bairro de Vila Canária. O

repórter entrevista a mãe que, indignada, diz pensar que seu filho estava seguro na escola.

3º caso: “Homem é espancado no Dique do Tororó.”

O repórter mostra o momento em que um homem é levado para o carro da Samu, ensanguentado. Ele teria sido baleado e espancado pela população por tentar realizar um assalto na região do Dique do Tororó. Segundo um policial, o suspeito só não foi morto por conta da chegada da viatura com policiais.

4º caso: “Cajazeiras vivendo na base da tensão.”

O caso é de um policial, morador do bairro de Cajazeiras, que foi morto no próprio bairro. Segundo informações do apresentador, tratava-se de um excelente policial e por não aceitar o tráfico na região, foi perseguido e morto.

➤ **Análise do dia 20 de julho de 2016 (Quarta-feira)**

1º caso: “Pensão alimentícia.”

O programa recebeu uma defensora pública que ocupou grande parte do tempo do telejornal explicando e tirando as dúvidas dos telespectadores sobre questões ligadas à pensão alimentícia.

2º caso: “Protesto de estudantes da UFBA.”

Mais protestos de estudantes, desta vez, os estudantes da Universidade Federal da Bahia fazem protesto na região do Iguatemi. O apresentador não demonstrou indignação com o protesto. A notícia ficou mais tempo do que o necessário no ar. As informações foram exaustivamente repetidas.

3º caso: “Assalto a ônibus.”

Assalto a ônibus na orla de Salvador deixa um assaltante ferido. Um passageiro reagiu ao assalto e feriu o assaltante. O apresentador fala sobre a grande quantidade de assaltos a ônibus que têm ocorrido em Salvador.

c) Telejornal Balanço Geral

O “Balanço Geral” é um dos mais antigos e tradicionais telejornais neste formato no Brasil. O programa originou-se em 1985, na TV Itapuã da Bahia, com o formato trazido da Rádio Sociedade da Bahia e era apresentado por Raimundo Varela que, posteriormente, passou a apresentar o telejornal que está no ar até a presente data. Nos últimos anos o formato do Balanço Geral ganhou espaço em diversas outras emissoras de cidades brasileiras. Em Salvador, temos dois formatos diferentes do Balanço Geral. A versão da manhã, que tem início às 7h, é apresentada por Raimundo Varela e resume as principais notícias do dia anterior e mantém um conteúdo mais distante da violência, é considerado um telejornal “mais leve”. A segunda edição é apresentada por José Eduardo, popularmente conhecido como Bocão, ex apresentador do Se Liga Bocão da Emissora Aratu, representa um forte nome quando o assunto é telejornalismo policial. A segunda edição do Balanço Geral resume as notícias ligadas à violência na cidade de Salvador e na região metropolitana. Neste trabalho daremos visibilidade à segunda edição do Balanço Geral Bahia por apresentar as notícias “mais fortes” ligadas à violência.

➤ **Análise do dia 01 de agosto de 2016 (segunda-feira)**

1º caso: “Morte de jovem na Lan house.”

As imagens de uma câmera de segurança mostram dois homens de moto que por volta do meio dia chegam a uma *lan house* no bairro de Águas Claras e matam a tiros um jovem de 19 anos. Segundo as informações do apresentador que narra os acontecimentos e ao mesmo tempo mostra as imagens da gravação do crime através de um telão presente no estúdio, o irmão do jovem era envolvido com o tráfico e a vítima foi morta por engano. Ainda de acordo com o programa, segundo informações de vizinhos e amigos, o jovem era trabalhador e religioso, não tinha envolvimento com a criminalidade.

“Os traficantes provavelmente juraram os familiares.”

“Que coisa deplorável.”

“Imagina os familiares.”

2º caso: “Uma jovem é presa com maconha.”

Um homem e uma adolescente que vieram de ônibus da cidade de São Paulo são presos com uma mochila com maconha. A notícia é narrada pelo repórter que está presente na delegacia e tenta entrevistar o homem que diz não ter nada a ver com o caso. O acusado diz que apenas foi buscar a jovem na rodoviária para levá-la até o seu destino. O repórter não consegue colher muitas informações sobre o caso, o acusado insiste em ficar em silêncio.

3º caso: “Morte de mecânico em São Cristóvão.”

Mecânico foi assassinado em plena luz do dia, às 9h da manhã, em uma avenida movimentada de São Cristóvão. O repórter de rua mostra imagens do local e busca entrevistar alguns populares, mas não consegue colher muitas informações. As imagens continuam sendo mostradas enquanto o apresentador, no estúdio, faz os seus comentários sobre o caso:

“Bala para todo lado.”

“Ninguém vê, ninguém pode falar nada.”

“O que esse mecânico fez para morrer?”

“A polícia terá um grande trabalho.”

“Tudo será levantado pela polícia.”

“O crime tem crescido, apesar do trabalho dos policiais.”

4º caso : “Corpo na mala de um carro no Ogunjá.”

O repórter de rua narra o caso. Um senhor que teve o seu carro assaltado por um casal na semana anterior no bairro do IAPI, ao passar de ônibus pelo Ogunjá, avista um carro igual ao seu veículo roubado e desce do transporte para conferir. Para a sua surpresa se tratava de seu veículo, que estava com a placa falsa, provavelmente colocada pelos autor (es) do roubo, mas com uma fitinha do Bonfim igual a que a vítima do roubo colocou no carro. O senhor chama imediatamente a polícia que aparece e constata que existe o corpo de um homem no porta malas do carro. Logo aparece a equipe de reportagem que permanece por muito tempo no local e espera a polícia técnica retirar o corpo do veículo e acompanha o levantamento cadavérico que é realizado no meio da rua (Imagem 4). O repórter pede para o repórter cinematográfico chegar perto do corpo para ver se tem alguma tatuagem para ajudar nas investigações. O repórter tem acesso ao corpo e relata que ele está desfigurado, que deve ter levado muitas porradas na cabeça e que tem muitas marcas de tiros pelo corpo. Muitos populares acompanham os trabalhos da polícia técnica e da reportagem do telejornal. Durante toda a transmissão, o apresentador interrompe o repórter com questionamentos:

“Cadê o corpo?”

“Isso é Salvador, Bahia, Brasil!”

“Olha o tamanho da violência.”

“Equipe ao vivo com total exclusividade!”

“Logicamente nós não vamos mostrar o corpo.”

“Muitos populares que estavam assistindo o nosso programa descem para acompanhar.”

“A violência está tão banalizada, tudo ocorre perto de um parquinho.”



Imagem 4: Corpo retirado de um carro (transmitida pelo telejornal Balanço Geral em 1º de agosto de 2016).

➤ **Análise do dia 03 de agosto de 2016 (Quarta-feira)**

1º caso: “Há um ano o irmão busca por justiça.”

Está completando 1 ano que no bairro da Sussuarana uma mulher foi morta ao receber um balde com ácido de sua vizinha. O irmão pede por justiça e até o momento a criminosa está solta. O repórter entrevista o irmão que chora muito ao lembrar de todo o sofrimento da irmã e ao relatar que a justiça nada fez até então. A todo o momento são mostradas imagens da vítima e da assassina, que continua solta.

2º caso: “Homem de 19 anos estupra menino de 11 anos.”

O repórter entrevista a mãe que, muito emocionada, conta que chegou em casa mais cedo do trabalho e encontrou o filho chorando muito. O repórter mostra a cena do crime, sem mostrar a criança e o apresentador no estúdio alerta aos telespectadores:

“São cenas fortes.”

“A mãe faz uma declaração pesadíssima, vale a pena ver.”

“A mãe encontra o acusado com as calças até os joelhos e seu filho chorando deitado na cama.”

3º caso: “Câmeras de segurança mostram assalto a carro no Caminho das Árvores.”

As imagens de uma câmera de segurança mostra o exato momento em que uma senhora entra no próprio carro e cerca de alguns minutos depois é abordada por um homem que a retira do veículo e o leva. As imagens são acompanhadas do discurso do apresentador:

“Olha lá... Ela deu oportunidade.”

“Demorou demais para sair com o carro.”

“Tudo que o assaltante queria, ela deu.”

4º caso: “Jovem encontrado morto no Pau Miúdo.”

Um jovem de 23 anos é encontrado morto em uma casa em construção no bairro do Pau Miúdo. Familiares não entendem o que pode ter motivado o crime. Mais uma vez, a impressão que nós, telespectadores, temos, é que a equipe do telejornal Balanço Geral, chegou logo após a polícia e pôde fazer

toda a cobertura do caso com exclusividade, acompanhando a chegada dos familiares e da polícia técnica ao local do crime. Frases do apresentador:

“Presenciamos o excelente trabalho da polícia.”

“A polícia diz que o jovem tinha passagem pela polícia por roubo e tentativa de homicídio.”

“Pode ter sido um ajuste de contas.”

“Mais um jovem morto.”

“O problema não é de segurança pública, o problema é que as pessoas andam com ódio nos olhos.”

5º caso: “Atenção quem tem filho em Escola Estadual.”

No bairro da Ribeira, pais pedem melhoras da estrutura física da escola e denunciam que a merenda não tem sido oferecida aos estudantes. Trata-se de uma escola de Educação Especial¹¹. A repórter apresenta o depoimento de algumas mães e busca entrevistar a diretora sem sucesso. Enquanto isso, no estúdio, o apresentador transmite as suas opiniões sobre o caso:

“É dinheiro público.”

“O seu filho deveria ser bem tratado.”

“O que era para ser inclusão vira exclusão.”

“Esse é um claro exemplo de escola pública.”

“O Governado e o Prefeito dizem que é complicado, o cara está na função pública e acha que vai mamar eternamente nos cofres do governo.”

“Que pepino é lidar com o funcionalismo público.”

¹¹ Entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

6º caso: “Garoto de 8 anos morre na Praia de Santa Galo.”

Criança de 8 anos se afoga na Praia de Santa Galo logo após sair da escola. Os pescadores da região encontraram o corpo depois de algumas horas. O repórter mostra a imagem do corpo coberto por um pano branco e o relato de alguns populares e familiares. O apresentador no estúdio, alerta para o perigo do banho na região, mesmo se tratando de um mar calmo, possui muitas áreas perigosas.

7º caso: “O caso do menino eletrocutado.”

A reportagem mostra o caso, já apresentado anteriormente pelo programa, de um menino que sofreu uma descarga elétrica por se pendurar em um poste da Coelba perto da sua casa. A criança de 3 anos ficou com várias sequelas e a família tem sido acompanhada pelo programa que tem oferecido “ajuda”. Nesta edição o repórter foi visitar a criança, que acabara de sair do hospital. A equipe é recebida pela mãe que afirma ter se mudado para aquela residência nos últimos dias. A mãe leva a equipe de reportagem até o quarto da criança, a imagem é chocante. Sem mãos e pés, a criança respira com dificuldade e não enxerga. As imagens são comoventes, mas a mãe autoriza a transmissão de várias imagens do pequeno garoto. A família ganha um advogado para que processe a Coelba e busque por seus direitos. Com uma música ao fundo emocionante o apresentador grita:

“A Coelba tem reponsabilidade sobre os seus equipamentos.”

“Nós vamos continuar acompanhando esse caso.”

“Estamos com esse garoto para o que der e vier.”

➤ **Análise do dia 04 de agosto de 2016 (Quinta-feira)**

1º caso: “Turista é assaltado no Pelourinho.”

As câmeras de segurança instaladas em frente a um Hotel no Pelourinho, mostram o momento em que um turista que chegava acompanhado por uma mulher, tem sua mochila levada. O senhor corre atrás dos assaltantes sem sucesso.

2º caso : “Duas mulheres furtam em um mercadinho.”

No bairro do Doron, as câmeras de segurança de um mercadinho flagram uma mulher que realiza furtos. A mulher está acompanhada por uma menor e as duas escolhem produtos de beleza e os colocam dentro de uma bolsa. As imagens são repetidas enquanto o apresentador comenta:

“A necessidade não justifica isso?”

“Elas vão vender esses produtos pela metade do preço”

“O comerciante tem dificuldade em comprar os seus produtos e vem uma lá e leva”

3º caso: “Batista: lixo, cães e gatos.”

Batista é um senhor de cabelo e barba comprida que foi mostrado pelo telejornal em uma edição anterior. Ele foi apresentado por conta da quantidade de lixo, cães e gatos que ele tinha em sua residência. O programa havia prometido um dia de beleza para o Sr. Batista caso ele conseguisse limpar a casa. O repórter nesta edição quer mostrar o quanto a casa do Sr. Batista ficou limpa depois de uma faxina. Muitas imagens da casa suja e depois limpa são mostradas. Um suspense é criado em torno da nova aparência do senhor Batista. Depois do momento de suspense as imagens de Sr. Batista de barba feita e cabelos cortados são mostradas.

Um breve comentário...

Percebemos através da análise audiovisual dos programas que embora os três telejornais analisados possuam formatos bem distintos. Diferenciam-se no que diz respeito à apresentação física do estúdio, tempo de exposição, assim como, a variedade de violência que é noticiada.

Constatamos que o telejornal Balanço Geral consegue ter mais acesso aos casos de crimes que ocorrem em Salvador. A quantidade de notícias apresentada por esse telejornal é indiscutivelmente maior se comparado aos outros dois, Ronda e Que Venha o Povo. Percebemos que o telejornal Ronda tenta segurar a audiência com duas ou três reportagens sobre violência que são repetidamente mostradas, além de utilizar as imagens e vídeos que são compartilhados pelos telespectadores. O telejornal Que Venha o Povo se utiliza do suspense ao anunciar uma notícia chocante que só é apresentada no final do telejornal. O telejornal Balanço Geral demonstra um grande potencial no que diz respeito às notícias sobre violência que ocorrem diariamente. Quase sempre o telejornal evidencia exclusividade nos casos que são noticiados. Muitas vezes a equipe de reportagem chega ao local do crime ao mesmo tempo em que os policiais. É o telejornal mais longo e que consegue ter acesso à notícia em “primeira mão”.

Recentemente o apresentador do telejornal Que Venha o Povo, Casemiro Neto, sugeriu que o telejornal concorrente estivesse sendo beneficiado com informações recebidas diretamente das delegacias. Por esse motivo o seu programa e demais telejornais com esse formato não conseguiam cobrir as reportagens sobre a violência na cidade.

7. O QUE DIZEM OS JOVENS?

Grupo focal foi a última técnica utilizada na pesquisa e considerada a mais importante para termos elementos para a compreensão das representações sociais que dos jovens de famílias de bairros populares de Salvador sobre a violência apresentada pelo telejornalismo policial. Foram seis grupos focais realizados em momentos distintos e que tinham como características comuns:

- O perfil dos participantes: Tratava-se de jovens entre 13 e 17 anos, estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia;
- A participação de uma pesquisadora auxiliar que contribuiu para os registros e gravação das falas;
- Os convites foram realizados nas salas de aula, no intervalo das aulas. Foram distribuídos entre alguns jovens o termo de autorização (apêndice

10.2) para que fosse entregue à pesquisadora no dia de realização do grupo ou à vice-direção da escola, após serem assinados por seus responsáveis;

- Os jovens ficaram cientes de que mesmo assinando o termo de consentimento para menores (apêndice 10.3) não utilizaríamos os nomes verdadeiros nas descrições das falas. Os nomes presentes na tabela 3 são fictícios;
- O espaço físico utilizado foi uma sala de aula composta por uma mesa comprida em que foram instalados os equipamentos eletrônicos (Data show, computador, gravador); uma mesa de apoio em que os lanches foram organizados e no centro da sala, cerca de 10 cadeiras organizadas em semicírculo;
- Todos os jovens receberam as boas-vindas com um lanche. Enquanto lanchavam sentados, a moderadora passava as primeiras informações e esclarecimentos previstos pelo roteiro do grupo focal (apêndice 10.5);
- Os encontros duraram cerca de 1 hora.

Concluída a etapa dos esclarecimentos falamos, brevemente sobre a quais telejornais estávamos nos referindo através de imagens apresentadas pelo Datashow e lançamos a seguinte questão:

O que vocês acham dos telejornais policiais de Salvador?

É importante esclarecer que a moderadora manteve a imparcialidade durante toda a realização dos encontros. Inicialmente fomos respeitando o sentido horário dos acentos e pedíamos para que os jovens emitissem as suas opiniões sobre os telejornais. Deixamos claro para o grupo que intervenções e diálogos seriam bem vindos. Sentimos certa timidez inicial, mas logo as meninas e meninos se mostraram interessados e as conversas fluíram com facilidade.

Em todos os grupos focais, ficou evidente para nós o quanto os telejornais fazem parte do dia a dia dos jovens pesquisados. Percebemos uma grande satisfação da maioria dos jovens em expressarem as suas opiniões.

Acreditamos que por serem colocados em uma posição de destaque; como quem fala, como o (a) que detém o conhecimento a respeito da questão proposta, isso gerou entre alguns deles um aumento da autoestima. Chegamos a ouvir algo do tipo: “Precisamos desenvolver mais a fala, é bom falar”. Por outro lado, alguns jovens ficaram inibidos, com receio do que deveria ser dito, demonstrando certo desconforto com o tema, o que é perfeitamente natural, visto que a violência é um tema polêmico por si mesmo, e mais ainda por se tratar da violência vivenciada por eles.

Na tabela 2, informamos as datas de realização dos encontros, o turno escolar e o número de jovens que participaram de cada grupo.

Tabela 2: Informações básicas dos Grupos Focais

GRUPO	REALIZAÇÃO	TURNO	NÚMERO DE JOVENS
1	04 de Agosto de 2016	Vespertino	3
2	08 de Agosto de 2016	Vespertino	6
3	15 de Agosto de 2016	Matutino	7
4	16 de Agosto de 2016	Matutino	9
5	31 de Agosto de 2016	Matutino	8
6	31 de Agosto de 2016	Matutino	8

Após a realização dos grupos, seguimos com a etapa de transcrição das falas. Diante da diversidade de posicionamentos e falas dos jovens, buscamos

dinamizar a distribuição das opiniões seguindo o modelo de análise de conteúdo sugerido por Franco, mais precisamente as categorias de análises.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios bem definidos. (FRANCO, 2008, p. 59)

As categorias de análise surgiram das informações coletadas, seguindo padrões e repetições. A análise buscou coletar percepções dos diferentes atores envolvidos. Dividimos as falas dos jovens em categorias e tendências mais comuns, ou seja, mostramos as opiniões mais comuns a respeito dos telejornais investigados.

A busca pela compreensão das representações sociais faz parte de um campo do conhecimento sensível e de difícil percepção. O trabalho de definir categorias de análises tomando como referência as falas, percepções e demonstrações de sentimentos transmitidos pelos jovens durante os grupos focais, não foi uma tarefa fácil. Construímos na tabela 3, duas categorias principais e as suas respectivas subcategorias. Mas já antecipamos ao leitor que as opiniões a respeito da violência apresentada nos telejornais não seguem uma sequência lógica e determinada. Não foram raras as falas que descreviam os telejornais com referência positiva e, ao mesmo tempo, negativa.

Tabela 3: Distribuição das falas dos jovens por categoriais.

ASPECTOS NEGATIVOS	DEPOIMENTOS	NOME	SEXO	IDADE	GRUPO
EXAGERO/MUITA VIOLÊNCIA	Acho que existe um exagero nas notícias, elas são muito repetidas.	VIRGÍNIA	F	15	1

<p>Na televisão ou é novelinha ou é uma realidade excessiva (...). Acho que a pessoa precisa saber o que ocorre no seu bairro, mas as vezes é demais.”</p> <p>Minha mãe não gosta de assistir, ela diz que mostra muita violência.</p> <p>Brincam demais com coisa séria.</p> <p>Eles falam porque dá audiência. As pessoas não têm o que fazer e assistem. Vivem repetindo as mesmas coisas.</p> <p>Eles mostram tudo. Mostram demais.</p> <p>Fazem entrevista com os assaltantes como se fosse uma piada. A notícia séria é tratada com brincadeira.</p> <p>Eles exageram, é o horário em que crianças assistem.</p> <p>Dos que eu conheço, para cada um deles eu tenho uma opinião diferente. Mas no fundo todos são patéticos. Quando eu chego da escola e assisto, vejo eles fazendo as pessoas de ridículas, brincando com o problema das pessoas.</p> <p>O programa é repetitivo. Todo dia é morte, só que de pessoas diferentes.”</p> <p>“Criam um tumulto por tudo.</p> <p>Eles são escrotos. Quando o cara só rouba eles dizem que matou.</p> <p>Nesses programas não existe investigação, eles mostram e pronto.</p> <p>Ninguém faz nada. Não investiga, não soluciona.</p> <p>Horrível. Se eu tivesse um filho, não deixaria assistir. Conteúdo pobre, só traz miséria.</p>	MARIANA	F	15	1
	RAFAELA	F	16	2
	RAFAELA	F	16	2
	RAFAELA	F	16	2
	MARIA	F	14	2
	IASMIM	F	14	2
	DANIELE	F	15	2
	LUÍS	M	17	3
	MAURO	M	14	3
	LEONAN	M	16	3
	ÉMILE	F	15	3
	BIANCA	F	15	4
RODRIGO	M	15	4	
IAGO	M	17	5	

	Não deveria passar todo dia. Todo mundo já sabe sobre a realidade. Você acaba ficando sem opção, passa em quase todos os canais e no mesmo horário. As pessoas não precisam ser alertadas contra violência, quando ele tiver que acontecer, acontece.	MARIELE	F	16	5
	Acho negativo. A pessoa termina perdendo a vontade de almoçar. Acho muito forte, mostra o corpo da pessoa.	TAIANE	F	14	5
	Esculhambação total. Muito forte, não ajuda em nada. Deveriam mostrar a solução das coisas.	JOANA	F	15	5
	São agressivos à sociedade. Mostra cenas fortes na hora do almoço. Não gosto que minha avó assista. Ela fica mal, assustada.	LUANA	F	14	6
	Acho ruim na hora do almoço ver sangue. Deveria ser a hora de falar coisas boas, de conversarmos em família. E vendo aquilo tudo não dá. Perco até a vontade de comer.	ALANA	F	16	6
	Nesses programas os jovens são sempre criminosos e a polícia sempre mata porque o cara lá tava envolvido com alguma coisa... dizem sempre que teve troca de tiros, quem garante? Na verdade a polícia mata por nada e esses programas sabem disso, mas não fala para a população. Não estão nem aí.	LUCAS	M	15	6
GERA MAIS MEDO E VIOLÊNCIA	Minha mãe acaba se preocupando demais comigo, ela assiste demais e fica preocupada.	VIRGÍNIA	F	15	1
	Fico muito chocada quando o assunto é estupro. Acho que acabo me preocupando demais na rua, penso que pode acontecer alguma coisa a qualquer momento.	RITA	F	15	1

<p>Eles influenciam os jovens a fazerem coisas erradas. Ensinam como esconder um corpo, por exemplo. Acabam dando dicas de como fazer certas coisas.</p> <p>Eu não gosto muito de assistir. Onde eu moro aparece toda hora. Você fica com medo até do seu vizinho. Passa um cara de moto, eu já fico com medo.</p> <p>Acho que eles mostram tudo e influenciam os meninos da favela a terem raiva dos policiais. A maioria dos meninos acham que os policiais estão errados.</p> <p>Os meninos acabam tendo raiva dos policiais. O policial matou fulano isso vai deixar os meninos com raiva.</p> <p>Acho que influencia os jovens a fazerem coisas erradas.</p> <p>Fico com medo de sair na rua.</p> <p>Acho que pode influenciar um jovem a ser ladrão. Porque passa muita coisa ruim. Vejo lá em casa os meus irmãos pequenos... eles só querem brincar de matar. Tudo é com violência... eu já falei com minha mãe para não deixar eles assistirem.</p> <p>Acho que influencia os jovens.</p> <p>As pessoas dão risada e as crianças podem achar normal.</p> <p>Não muda a realidade de ninguém. Esses programas só contribuem com a violência. Não educam, não valorizam a paz. Incentiva a pessoa a fazer pior. Incentiva a violência, ao constrangimento, só querem audiência e dinheiro.</p>	IVÂNIA	F	16	2
	IVÂNIA	F	16	2
	MARIA	F	16	2
	DANIELE	F	15	2
	DANIELE	F	15	2
	DANIELE	F	15	2
	RAFAEL	F	15	5
	LUANA	F	15	6
	NANA	F	16	6
	EMERSON	M	15	6

	Acho que influencia os jovens a fazerem coisas erradas. Eles acabam achando tudo normal. As crianças falam com naturalidade sobre a violência, sobre morte.	BRUNO	M	14	6
	Somos doutrinados, as informações influenciam as pessoas.	ANTÔNIO	M	15	6
EXPÕE AS FAMÍLIAS POBRES	Eles pressionam a mãe que perdeu um filho a dar entrevista. Vi uma mãe abraçada à camisa cheia de sangue do filho morto. É triste. Uma cena muito forte. Minha mãe fica arrasada com a dor das outras mães.	RAFAELA	F	16	2
	Poderia até falar do cara que foi morto, mas não tinha necessidade de mostrar a família dele, a família já está triste demais e ainda tem que aparecer. Eles querem audiência não se preocupam com a família.	MAURO	M	14	3
	Julgam todo mundo como traficante e nem sempre é. Acusam e nem sabem. A pessoa as vezes não tem nada a ver. A família sabe que o seu parente é inocente, já perdeu o seu parente e ainda tem que ficar ouvindo que ele era bandido. Isso revolta.	ANA PAULA	F	17	3
	Às vezes culpam a família por não saber criar, mas não é bem assim.	ALAN	M	16	3
	Quando o cara vai para a rua largadão, favela, eles dizem que o cara tentou assaltar e foi morto pela polícia. Então acabamos sem saber a verdade. Até a mãe fica na dúvida se o cara era bandido ou não.	ÉMILE	F	15	3

	Acho desnecessário mostrar certas coisas. Eles só querem saber da audiência. Não se preocupam com o que a família vai sentir, se preocupam só com a audiência. Machucam a família.	NEIDE	F	16	4
	Se mostrasse alguém da sua família você gostaria que mostrasse?	IAGO	M	17	5
	Prendem uma pessoa inocente. Acabam com a imagem da pessoa. Mostra o sofrimento da mãe, o que os vizinhos vão achar dela? Que ela não soube criar.	TAIANE	F	15	5
	Fazem piada com uma coisa triste com um cara que foi preso. Não pensam que o cara tem família. Fazem piada do sofrimento dos outros.	NANDA	F	16	6
	Algumas crianças acabam assistindo e as famílias saem como erradas. A mãe não tem como evitar, ela não tem culpa. As pessoas deveriam se colocar no lugar daquelas que não conseguem um emprego e acabam no mundo do crime. Será que é fácil ver sua família passar por dificuldade?	LAIS	F	15	6
PRECONCEITO CONTRA JOVENS POBRES	Essa violência pode desmotivar os jovens (...). Os bairros violentos sofrem preconceito e se a pessoa for negra pior ainda. Nesses programas, quando o cara é branco ou de um bairro rico, eles mostram pouco, mas se for negro e pobre, o repórter só falta esfregar o microfone na cara dele para ele falar.	VIRGÍNIA	F	15	1

	Esses programas deveriam mostrar também o lado bom dos bairros, na favela não tem só coisa ruim. Fico sentida porque sou de um bairro pobre também e se eu estiver em outro lugar, vão me olhar estranho.	MARIANA	F	15	1
	Certas coisas revoltam os jovens.	IVÂNIA	F		2
	Ficam dizendo toda hora que onde eu moro é ruim e não presta, eu vou ficar com medo mesmo.	IVÂNIA	F	16	2
	Eles acabam difamando o bairro, as pessoas que moram aqui.	VIVIANE	F	16	3
	Eles (policiais) julgam pela cor, o fato de ser negro faz com que eles tenham suspeita. A revista é diferente, julgam logo pelo celular e perguntam: Você comprou esse celular? Muitas vezes o cara não é bandido, mas é mostrado como bandido.	MAURO	M	14	3
	Quem assiste acha que Cajazeiras só têm vagabundo. O bairro é mal visto, acham que só tem vagabundo. Quando os meninos estão se divertindo, jogando bola ou estudando não dizem: Olha os jovens estão ocupando o seu tempo.	RUAN	M	16	3
	Acho que eles difamam a pessoa sem provas. Se o cara é negro e está vestido de uma forma, é pivete, com tatuagem é vagabundo é ladrão.	RUAN	M	16	3
	Quando o cara é branco eles dizem que não deve estar envolvido, mas se o cara é negro, dizem que é vagabundo e que deveria trabalhar, como se trabalho estivesse fácil. Nem sabem das necessidades que a pessoa passa.	ANA PAULA	F	17	3

	Eles julgam mesmo pela aparência. Se a pessoa não quer ser julgada é só não vestir determinadas roupas. Eu mesmo não jogo bola no campo para depois não ser confundido. A roupa da pessoa é o estilo: boné, roupa de marca, mochila apertadinha nas costas. E os policiais cismam com isso. Eles julgam e às vezes a pessoa nem é bandido.	RODRIGO	M	15	4
		JOÃO EDUARDO	M	16	4
INSISTÊNCIA PELOS DEPOIMENTOS	Pegam pessoas socialmente fracas e mostram os problemas delas sem respeito. Quando eles vão interrogar os “peixes pequenos”, o jeito que eles tratam não é correto. Tem gente bem pior, mas se tiver dinheiro, eles não tratam da mesma forma que um pobre.	LUÍS	M	17	3
	Quem rouba de terno e gravata eles não mostram. Querem bater de frete com o mais fraco.	RUAN	M	16	3
	Expõe demais as pessoas. Acho uma falta de respeito com as pessoas, os repórteres ficam insistindo para as pessoas falarem.	VILMA	F	16	4
	Não acho legal. A pessoa já está naquela situação complicada e acaba sendo mais oprimido. Não deveria mostrar a cara das pessoas	GABRIELA	F	16	5
	Os repórteres insistem demais e não tem medo de morrer. Ficam ali esfregando o microfone na cara do cara... e se o criminoso metesse uma bala nele?	JOANA	F	15	5
	Acho que mesmo sendo um criminoso, ele merece respeito.	ALANA	F	17	6
NÃO GOSTO / NÃO ASSISTO	“Não gosto. Não assisto. Tem muita violência, só passa coisa ruim. Os programas não prestam. Mostram a realidade demais”.	AMANDA	F	15	2

	Acho ruim, não gosto.	LUCAS	M	15	6
ASPECTOS POSITIVOS					
INFORMAM	Acho, também, que eles informam. Outro dia aconteceu um assalto perto da minha casa e fiquei sabendo pelo Bocão.	VIRGÍNIA	F	14	1
	Essa semana vi, pela televisão, que aconteceu duas mortes em Castelo Branco, é perto de onde moro e achei melhor ficar em casa. Outro dia, foi um cara lá da rua que foi preso por suspeita de estupro, já foi solto, mas eu nunca fui com a cara dele, hoje então... (Risos)	MARIANA	F	15	1
	Eu gosto de assistir. Antes eu não gostava, mas minha mãe dizia que eu precisava ficar informada, aí agora, assisto todo dia. Eu não sei explicar, é como se fosse um vício, assisto tudo. Só paro para ir pra escola.	RITA	F	15	1
	Acho importante saber das coisas que acontecem, preciso saber das coisas do meu bairro.	RITA	F	15	1
	Interessante. Serve para alertar a população. Por exemplo, quando um cara é preso por estupro e você conhece, ou pessoas que já foram violentadas pelo cara podem reconhecer ele. Muitas vezes acontecem casos que você conhece o cara e você pode se proteger. Esses jornais servem de informação.	VIVIANE	F	16	3
	Mas alerta sobre os riscos de nossa cidade.	LUÍS	M	17	3
	Consigo ver as coisas que acontecem no nosso bairro. A gente sabe tudo o que acontece, sempre passa coisas que tem a ver com a guerra de facções.	MAURO	M	14	3
	É interessante mostrar para sabermos o que está	NEIDE	F	16	4

	acontecendo.				
	Podem servir de informação. De repente pode ser alguém conhecido.	DOUGLAS	M	16	4
	É uma informação necessária, são coisas que ocorrem no dia a dia. Se eu tivesse um filho, gostaria de mostrar para ele a realidade.	IAGO	M	17	5
	Mostra a realidade. Você pode mostrar para seu filho que é uma coisa errada.	TAIANE	F	15	5
	Infelizmente a realidade precisa ser mostrada. Assisto por causa das informações. Gosto de saber dos fatos que ocorrem.	JOSIE	M	16	5
	Às vezes informam.	NANDA	F	16	6
	Trazem informações para o público. Mostram a degradação da sociedade.	ANTÔNIO	M	15	6
MOSTRAM A REALIDADE	Poderia ter menos violência, mas você acaba se acostumando em ver.	VIRGÍNIA	F	14	1
	Às vezes acho eles exageram, também não é só violência que acontece.	RITA	F	15	1
	Eles trazem a realidade. Falam da violência de hoje. Não inventam. Gosto de assistir para ver a realidade.	RAFAELA	F	16	2
	As notícias são da nossa realidade.	RAFAELA	F	16	2
	Eu acho que quem não quer ver miséria, não assista. Eles botam mosaico, não mostram o rosto. Se a pessoa está assistindo é porque quer ver violência.	RUAN	M	16	3
	Eles alertam as pessoas sobre os problemas que acontecem nos bairros.	BRUNA	F	14	3

<p>Já faz parte do cotidiano, a cada esquina vemos um caso. Hoje é normal, o ser humano já se acostuma com as notícias de violência. Quando a pessoa vive muito a violência, se acostuma, nem liga muito.</p> <p>Isso é normal, todo dia acontecem as mesmas coisas. Às vezes me espanto com a quantidade de violência. Algumas notícias chamam mais atenção, como foi o caso do cara que arrancou a cabeça da menina. Não sei porque tanta crueldade.</p> <p>As pessoas estão se acostumando com a violência. Não se surpreendem mais.</p> <p>Mostra o cotidiano. Todo dia é a mesma coisa.</p> <p>Um rapaz foi preso com drogas, o programa mostra para a população, que o cara vai pegar cadeia. Assim um jovem vê aquilo e fica com medo de ir para a cadeia...Vê o que o cara tá passando ali na televisão e não vai querer passar pela mesma situação. Fica com medo.</p>	JUCARA	F	15	4
	BIANCA	F	15	4
	NEIDE	F	16	4
	VILMA	F	16	4
	FÁBIO	M	16	5

A técnica de grupo focal nos possibilitou perceber através das falas o quanto os jovens sabem sobre o assunto proposto. Por mais que em nosso projeto de pesquisa, tivéssemos lançado hipóteses sobre a audiência e o quanto esses programas fazem parte da vida dos jovens de bairros populares de Salvador, foi impressionante perceber a extensão do alcance, tanto em termos de interesse quanto da diversidade de percepções que tais programas estimulam na juventude focalizada.

De fato os telejornais são referenciais quando o assunto é violência urbana. Até mesmo entre aqueles jovens que afirmam não gostar dos

telejornais, existe o reconhecimento de que tais programas servem como meio de informação. Principalmente aquela informação a respeito da violência que ocorre no próprio bairro. Os telejornais policiais mostram uma realidade de violência constante, manifestada de diversas formas e presente em todos os lugares, principalmente, nos bairros periféricos. Os jovens demonstram saber que essa é uma realidade difícil de ser deixada de lado pela mídia, a violência é uma realidade e precisa ser mostrada, mas segundo eles, os telejornais utilizam-se do exagero, deboche e desrespeito quando tratam dos criminosos, suspeitos de crimes e seus familiares.

Reconhecem muitos, que esse exagero gera preconceito contra a população jovem dos bairros periféricos. Criam impressões negativas sobre os jovens de bairros populares de Salvador. Esses jovens dizem sofrer preconceito por conta das suas características físicas, da forma de falar, andar, vestir, e muitas vezes são confundidos com os jovens autores dos mais variados crimes que são noticiados pelos telejornais. Segundo alguns depoimentos, os jovens estudantes e trabalhadores são impedidos de serem eles mesmos. Sentem medo de usar um determinado boné, de andar em determinadas companhias e até mesmo de ir ao campo de futebol jogar com seus amigos.

Nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e é neste momento que nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres, práticas culturais, nos disciplinando por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções e não se dá somente em atos e práticas materiais. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 15).

Trata-se de uma juventude em sua maioria pobre que é marcada pela exclusão, pela vulnerabilidade e violência. E por serem mais vulneráveis, o discurso dos apresentadores sobre a violência e toda a realidade negativa que atinge esses jovens, terminam gerando entre os jovens estudantes e

trabalhadores que são objeto do nosso estudo, desânimo e angústia. Esses jovens têm o sentimento de que a situação está cada dia mais difícil para a juventude de bairros pobres de Salvador.

A notícia que é transmitida através da oralidade ainda é muito eficaz nos meios de comunicação de massa. O que é dito, através do discurso dos apresentadores, assume status de verdade e ajuda a construir socialmente o perfil dos jovens moradores da periferia. São indivíduos marcados por estigmas sociais criados pela condição social, racial e pela violência presente em seus bairros. Goffman (1988) explica que os estigmas são marcas sociais construídas historicamente para a sujeição de indivíduos considerados fora do padrão da normalidade, indivíduo que está “inabilitado” para a aceitação social plena. Transpor essa inabilitação parece cada dia mais difícil para esses jovens. São cidadãos reféns de uma violência sem solução que interfere diretamente na sua identidade juvenil.

Outro discurso frequente entre os jovens pesquisados é a preocupação com as famílias dos indivíduos que são acusados por crimes ou que são mortos e têm os seus corpos expostos. São familiares que sofrem a perda do seu parente e que ainda têm que conviver com a exposição da morte e com as afirmativas dos apresentadores de que tal familiar tinha envolvimento com o tráfico de drogas ou qualquer outra ligação com a criminalidade. Segundo a fala de alguns jovens, muitas dessas mortes não são investigadas. Os discursos dos apresentadores nem sempre condizem com a realidade e os telespectadores nunca saberão o real motivo da morte.

Segundo o pesquisador César Barreira (2009), Coordenador do Laboratório de Estudos sobre a Violência na Universidade Federal do Ceará, a apuração dos assassinatos de crianças e adolescentes, normalmente, não tem continuidade, exceto quando há o interesse de alguma pessoa externa à própria família. Para ele, existe também uma desconfiança da família na justiça, pois as famílias pobres não acreditam no cumprimento da justiça para os menos favorecidos. Sendo assim, as mortes de jovens pobres caem no

esquecimento e infelizmente, são encaradas pela sociedade como algo “natural” e esperado. A cena do corpo de um jovem negro cravado de balas não choca a sociedade, não faz a maioria das pessoas pensarem sobre o que poderia ter motivado tal barbaridade. A interpretação é quase que instantânea: era um criminoso e merecia morrer. A simples divulgação midiática de um crime, sem a posterior informação sobre as investigações, pode gerar mais violência. A sensação de impunidade pode servir como incentivo para que indivíduos que tenham tendência para a criminalidade cometam crimes.

Por todas essas questões, os jovens pesquisados afirmam que a exposição excessiva da violência nos bairros periféricos de Salvador não resolve os problemas pelos quais essas comunidades passam e, na verdade, só aumenta a sensação de medo, insegurança e impunidade. O excesso de medo prejudica a qualidade de vida dessa população. Segundo Barry Glassner (2003), a percepção do perigo tem aumentado. A mídia lucra com o medo cotidiano, exagerando a importância, aumentando a preocupação com o crime, o uso de drogas e o terrorismo. Glassner (2003) descreve como um pequeno risco pode ser transformado em total exposição dos indivíduos. Sabemos que o medo é da natureza do ser humano. O discurso de alguns jovens, demonstra essa sensação na medida em que passam a ter medo e a desconfiar de tudo, medo dos vizinhos, de motos que passam, de homens que olham, etc. Também acabam evitando sair às ruas em determinados horários para impedir que algo muito ruim possa acontecer. Esse sentimento distancia o indivíduo de outras pessoas e impede a ocupação dos espaços públicos, como praças, quadras de esportes, ruas, etc.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa foi possível perceber quais as representações sociais sobre a violência que os telejornais policiais ajudam a

construir entre os jovens. Observamos uma variedade de representações sociais que foram expostas nos encontros através da técnica de grupo focal. Tais representações demonstram as inesgotáveis visões e ideias que são construídas com a contribuição desses meios de comunicação de massa.

Refletimos no início desta dissertação sobre as motivações que nos levaram a tal estudo. A principal delas, insistimos, foi proporcionada pelas aulas de Sociologia que ministramos no Ensino Médio. A sala de aula é um campo profundamente fecundo para a compreensão da vida social que nos envolve. As experiências compartilhadas por meio desse ambiente dão visibilidade às diferentes necessidades e realidades vividas pelos participantes.

A violência se manifesta para essa juventude de diferentes formas. O que constatamos é que suas representações estão intimamente ligadas a uma série de questões que dizem respeito às suas vidas, aos seus medos. Os discursos, gestos, sons e notícias veiculadas pelos telejornais policiais ajudam esses sujeitos a construir as representações sobre a violência, mas essa violência está atrelada a visões sobre o seu bairro, sobre as famílias que lá estão e sobre eles mesmos.

Antes de iniciarmos os estudos das referências bibliográficas e a pesquisa empírica, tínhamos hipóteses bem delimitadas. A construção metodológica da pesquisa, baseada na aplicação de questionários, análises audiovisuais dos telejornais, a realização de grupos focais, e a organização textual desses permitiu que alcançássemos os objetivos propostos. De fato a juventude dos bairros periféricos, mais precisamente a juventude dos bairros de Salvador, focalizados em Cajazeiras, Castelo Branco, Águas Claras e adjacências vivem realidades muito próximas à violências. Com base nas informações coletadas a partir das notícias apresentadas pelos telejornais assistidos (Ronda, Que Venha o Povo, Balanço Geral), constatamos que esses bairros apresentam um alto índice de violência “dura”, aquela que mata e fere, principalmente, por conta do tráfico de drogas na região como também dos tipos de abordagem policial.

Sobre a experiência da análise audiovisual dos telejornais precisamos destacar o quanto tal instrumento de pesquisa nos provocou desconforto. Foram momentos de tensão, ansiedade e comoção gerados por imagens de cadáveres e pelo sofrimento de vítimas da violência. Não se tratava de uma violência estranha, eram noticiados casos de crimes ocorridos também na nossa localidade de trabalho.

Insistimos, a violência que se mistura ao medo, a violência propagada não se restringe às pessoas que se envolvem com as diferentes facções criminosas, alcançam a familiares dos envolvidos, os transeuntes, a comunidade como um todo, mas principalmente, a vida dos jovens no hoje, e seus horizontes de futuro.

Os jovens dessas localidades são atingidos direta e indiretamente por essa violência. Diretamente, na medida em que se envolvem com o tráfico de drogas e a qualquer momento podem se tornar mais uma vítima, mais um número na vasta estatística de jovens mortos na cidade de Salvador. Estatística confirmada pelo “Mapa da Violência de 2015”. Segundo Weisselisz (2015) Salvador está entre as capitais com maiores índices de violência urbana, os dados apontam que essa violência atinge, significativamente, a população jovem, negra e geralmente de baixa renda. Alguns sujeitos estão indiretamente ligados a essa violência por conta de familiares, irmãos (as), filhos (as), namorados (as) que vivem do crime. São cada vez mais comuns os casos de familiares que são mortos por engano ou que sofrem represálias por conta de um parente criminoso. A violência indireta também gera um notável sentimento de medo, de excesso de desconfiança do outro, de frustração, ao que colabora a falta de oportunidade para uma formação educacional e profissional de qualidade, por exemplo.

Toda essa violência direta e indireta mais alimenta a exclusão. Exclusão que é potencializada por uma mídia sensacionalista que se utiliza do problema da violência urbana, das misérias vividas por famílias inteiras, na busca de uma

maior audiência. Tais telejornais vivem uma disputa diária pela atenção dos telespectadores, e para isso, além de utilizarem recursos audiovisuais oferecidos pela tecnologia, também, recorrem a estratégias das mais variadas para conquistar a informação sobre um crime em primeira mão. Para essas equipes de reportagens, chegar a um local de crime antes das outras emissoras é garantia de audiência. E é através das notícias exclusivas, das imagens chocantes, dos discursos dos apresentadores e de todo um aparato audiovisual, que esses telejornais dizem o que é a violência na cidade de Salvador. Quais os locais mais perigosos, quais os tipos de crimes mais praticados e quem são os autores de tais crimes.

Percebemos através dos recursos quantitativos, coletados através de questionários, que tais programas estão presentes na rotina desses jovens e contribuem significativamente para a construção de diferentes concepções a respeito da violência, principalmente, a de uma violência próxima, que está “logo ali”, na esquina. Uma violência que se confunde com o dia a dia, com casos que ocorreram na própria vizinhança.

Ficou evidente que nem todos os jovens estão alheios aos interesses econômicos que guiam a programação desses telejornais e despertam o interesse pela audiência. Alguns jovens se mostraram atentos aos estereótipos criados pelos discursos que terminam por desfavorecer os moradores de bairros periféricos. Uma das questões apresentadas por eles foi que esses programas terminam por modelar generalizações, contribuindo para a estigmatização dos jovens dessas localidades. Sob a ótica desses sujeitos, tais programas não contribuem para a auto-estima dessa juventude. Para alguns desses jovens, o mesmo preconceito que vivenciam na sociedade, assistem também, através do discurso dos apresentadores.

Esses jovens entram no mundo adulto muito cedo. A realidade da violência é muito visível para as crianças desde muito pequenas. Quando alcançam uma certa maturidade, se vêm “acostumados” com a rotina de violência, nos dando a impressão de que essa realidade é “natural”. Esse

sentimento de naturalidade da violência é potencializado por esses meios de comunicação de massa que deixa de assumir a posição de prestadores de serviço educacional para se concentrar em objetivo de mercado, ter audiência, atrair patrocinadores. Deixam de informar a sociedade sobre a problemática que gira em torno da realidade desses jovens nos bairros periféricos de Salvador. O jovem 'bandido' não tem história, família e é assim desumanizado, e os outros, que vivem em 'zonas de risco', ou melhor, zonas riscadas da rede de serviços e segurança do Estado, são também por tabela, des-humanizados, "abanditados".

Esta dissertação possibilitou variadas discussões sobre o papel que o telejornalismo policial desempenha nas representações dos jovens sobre a violência. Além disso, deixa um campo fértil para futuras pesquisas. Uma questão interessante e que possibilita aos jovens, mais uma vez se posicionarem diante da realidade que vivenciam, é a questão sobre "o que é ser jovem em uma comunidade marcada pela violência?". Concluímos estes trabalhos cientes de que, infelizmente, essa juventude possui poucos espaços televisivos que contribuem para uma reflexão crítica sobre a violência que toma conta das suas rotinas.

9. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

_____. **Caleidoscópio das Violências nas Escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural**. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

_____. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARANTES, Rafael. **A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em Salvador**. Caderno do CEAS: edição 235, 2015.

ARAÚJO, Cristiana. **Telejornalismo e a temática policial na TV brasileira: análise cultural de gênero nos programas Brasil Urgente e Cidade Alerta**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BARREIRA, César. Entrevista de César Barreira da Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Laboratório de Estudos sobre a Violência (LEV). Diário do Nordeste: Opinião: **Uma geração de jovens educados na cultura do medo**. 24.10.2009. Repórter: Iracema Sales.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. In: XVI COMPÓS (GT: Epistemologia da Comunicação), Curitiba, jun. 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 3. Ed. Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>
Acesso em: Junho de 2016.

CALAZANS, Márcia. **Homicídios de jovens em Salvador e as novas tessituras das cidades**. Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos. Florianópolis: ABRAPSO, 2014.

CASTRO, M. G. **Ser Jovem no Brasil Hoje: Políticas e Perfis da Juventude Brasileira**. Caderno Adenauer, 2015.

COHN, Gabriel. **Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1997.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. RJ: Contraponto, 1997.

DEFLEUR, M. L.; BELL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ESPINHEIRA, Gey. **A Cidade das desigualdades: raízes da violência**. In: GOMES, Álvaro (org.). Paz só com justiça social. São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: Socializando através de Comunicação Despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GATTI, Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líbero, 2005.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. **Jovens, gênero, mídia e violência em contexto de “pacificação na cidade do Rio de Janeiro”**. 2014. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/revistas/index.php/dialogospossiveis/article/viewFile/210/165>

HOLANDA FERREIRA, **Dicionário da Língua Portuguesa**. Aurélio, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Zélia Maria. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. 1999. Disponível: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em: Março de 2015.

MINAYO, Maria Cecília S. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARECHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações Sociais**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NETTO, Samuel Pfromn. **Comunicação de Massa**. São Paulo: Pioneira; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

OLIVEIRA, Danilo. **Jornalismo Policial na televisão: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta**. Dissertação da FACOM: UFBA, 2007.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis.** In: Culturas Juvenis: novos mapas do afeto. ALMEIDA, Isabel e EUGÊNIO, Fernando (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A produção do discurso de informação num jornal Sensacionalista.** RJ UFRJ/ Escola de Comunicação. 1983.

PESSOA, Ana Carolina. **As bases sociológicas nos estudos das teorias da comunicação.** Comunicação: Veredas. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Marília. São Paulo: Unimar, 2005.

PINHEIRO, Osmundo. **O círculo da morte e o materialismo estético.** 2015. Disponível: <http://www.geledes.org.br/o-circulo-da-morte-e-o-materialismo-estetico>. Acesso em: Setembro de 2016.

ROSE, Diana. **Análise de imagem em movimento.** In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Martha Isabel. **Telejornalismo do grotesco: Telejornal Aqui e Agora.** Universidade Paulista. Dissertação de Mestrado em Comunicação, 2006.

SODRÉ, M. **O social irradiado: violência urbana, negrotresco e mídia.** São Paulo: Cortez, 1992.

TEIXEIRA, Alex. **A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do Programa Linha Direta.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFRGS: 2002.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio.** São Paulo: Saraiva, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WASELFISZ, Júlio Jaobo. **Revido Violências, Semeando Futuros: avaliação do impacto do programa Abrindo Espaços**. Brasília: UNESCO, 2003.

____. **Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA, 2015.

WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação de massa**. Lisboa: Presença, 1999.

10.APÊNDICE

10.1: AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Mestrado em Família na Contemporaneidade
Av. Cardeal da Silva, n.205 – Federação – Salvador, Ba.
Tel: (71) 332038913; e-mail: cep@ucsal.br

Salvador, 11 de Dezembro de 2015.

Ilma.^a Sr.^a Diretora, Firmina Viterbo de Azevedo

Eu, Carine de Miranda Santos, venho através deste, solicitar o consentimento de Vossa Senhoria para a realização de uma pesquisa de campo no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. Trata-se de um estudo cujo título é “A representação social que jovens de escolas públicas, de famílias de bairros periféricos de Salvador, fazem da violência vista no telejornalismo criminal”, o qual tem como objetivo principal, analisar as representações sociais que os estudantes de bairros populares de Salvador fazem da violência na cidade tendo como referência os telejornais que tratam da criminalidade e como objetivos secundários: investigar qual o nível de visibilidade do telejornalismo criminal entre os estudantes; analisar as mensagens que são transmitidas por esses programas que venham a contribuir para o desenvolvimento de estereótipos e preconceitos; analisar se a violência exposta pelos programas de telejornalismo criminal favorece a baixa auto-estima entre os jovens dos bairros periféricos de Salvador; compreender se existe uma naturalização da violência entre os pesquisados. Pesquisa esta que será realizada pela acadêmica, Carine de Miranda Santos como requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mary Garcia Castro, Doutora em Sociologia. Utilizaremos o método qualitativo e quantitativo. Os dados serão colhidos através de questionários e realizações de grupos focais. É esperado que os resultados deste estudo venham proporcionar reflexões sobre o conteúdo jornalístico acessados pelos adolescentes, ofereçam ao campo científico e escolar informações sobre a representação que os jovens fazem da violência. O tema apresenta profunda relevância na medida em que reflete o tema da violência que é acessada pelos adolescentes na contemporaneidade. A pesquisa oferece riscos mínimos, visto que não serão utilizadas técnicas de intervenção de qualquer espécie ligada aos sujeitos da pesquisa. Nossa intenção é conhecer as representações desses sujeitos. Esta pesquisa tem uma duração prevista de três meses e não acarretará ônus à instituição cedente.

Em atendimento à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, este projeto será submetido à apreciação do CEP e os resultados obtidos serão utilizados pra fins científicos, sendo resguardados o sigilo das informações e a confidencialidade dos dados.

Eu, Carine de Miranda Santos, pesquisadora responsável, comprometo-me a prestar os esclarecimentos necessários assim como encaminhar, após a conclusão do estudo, cópia do relatório final da pesquisa e de se colocarem à disposição para a apresentação oral, se necessário.

Atenciosamente,

PESQUISADORA:
CARINE DE MIRANDA SANTOS
Tel: (71) 34615605
E-mail: Carine.mir@ig.com.br

ORIENTADORA:
PROF.^a DR.^a MARY GARCIA CASTRO
Tel: (71) 32038968
E-mail: castromg@uol.com.br

Eu, _____ declaro que, após convenientemente esclarecida pelo pesquisador, compreendi o que foi explicado e aceito participar da presente Pesquisa.

Salvador, ____ de Dezembro, 2015.

APÊNDICE 10.2: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Mestrado em Família na Contemporaneidade
Av. Cardeal da Silva, n.205 – Federação – Salvador, Ba.
Tel: (71) 332038913; e-mail: cep@ucsal.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA MENORES DE IDADE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA MENORES DE IDADE

Eu, _____, responsável pelo (a) estudante _____, autorizo sua participação na pesquisa “Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial”. A pesquisa tem como objetivo principal, analisar o que os estudantes de bairros populares de Salvador pensam sobre o telejornalismo policial na cidade. A pesquisa será realizada pela professora e acadêmica, Carine de Miranda Santos como requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mary Garcia Castro, Doutora em Sociologia. Declaro, ainda, estar ciente do sigilo da identidade do (a) estudante na publicação dos dados obtidos.

_____ de _____ de 2016

APÊNDICE 10.3: TCLE – MENORES DE 18 ANOS

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENORES

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial”. Seus responsáveis permitiram que você participasse. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será realizada no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia pela pesquisadora Carine de Miranda Santos. Participando da pesquisa você terá a oportunidade de refletir um pouco mais sobre as questões que

envolvem a televisão e a exposição da violência urbana, mas caso você enxergue essa reflexão como negativa ou que venha a lhe causar algum incômodo, você poderá desistir imediatamente. Lembrando que ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificação dos jovens que participaram. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pela pesquisadora Carine.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial”. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem qualquer problema. A pesquisadora tirou as minhas dúvidas e pediu a autorização com os meus responsáveis.

Salvador, ____ de _____ de 2016

APÊNDICE 10.4: QUESTIONÁRIO

- ✓ ***Não é necessário fornecer o seu nome.***
- ✓ ***Todos os dados deste questionário contribuirão para pesquisas acadêmicas.***
- ✓ ***Não há resposta certa ou errada.***

1. Qual a sua idade? _____
2. Qual o seu sexo:
 - a) Masculino
 - b) Feminino
3. Você se considera:
 - a) Branco (a)
 - b) Pardo (a).
 - c) Negro (a)
 - d) Amarelo (a).
 - e) Outros. _____
4. Em qual série você estuda? _____
5. Em qual bairro você mora? _____
6. Quem é responsável por você:
 - a) Mãe
 - b) Pai
 - c) Mãe e pai.
 - d) Avós.
 - e) Outros. _____
7. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____
8. Quantas pessoas que moram na sua casa trabalham? _____
9. Quantas pessoas estão desempregadas na sua casa?

10. A casa em que sua família reside é:
 - a) Emprestada
 - b) Alugada
 - c) Comprada
 - d) Financiada
 - e) Outro. _____
11. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?
 - a) Nunca estudou.
 - b) Fundamental I.
 - c) Fundamental II.
 - d) Nível Médio.
 - e) Ensino Superior.
 - f) Não sei.
12. Qual o nível de escolaridade do seu pai?
 - a) Nunca estudou.
 - b) Fundamental I.
 - c) Fundamental II.
 - d) Nível Médio.

- e) Ensino Superior.
 - f) Não sei.
13. Qual a faixa de renda mensal das pessoas que moram na sua casa?
- a) 1 salário mínimo (R\$ 788,00)
 - b) 2 salários mínimos (R\$ 1.576,00)
 - c) 3 salários mínimos (R\$ 2.364,00)
 - d) Mais de 4 salários mínimos
 - e) Outros.
14. Como você considera que você e sua família são?
- a) Ricos
 - b) Classe média
 - c) Média baixa
 - d) Pobres
 - e) Muito pobres
 - f) Não sei
15. Qual o meio que você mais utiliza para se manter informada (o)?
- a) Jornal escrito
 - b) Televisão
 - c) Rádio
 - d) Internet
 - e) Revistas
 - f) Outros.
16. Em um dia você assiste televisão com que frequência?
- a) Menos de 1 hora
 - b) 1 hora
 - c) 2 horas
 - d) 3 horas ou mais
 - e) Outros
17. Você conhece os telejornais que noticiam a violência em Salvador? (Balanço Geral, Que Venha o Povo, Ronda, etc.)
- a) Sim
 - b) Não
18. Você já assistiu a esses telejornais?
- a) Sim.
 - b) Não
19. Você assiste a esses telejornais com qual frequência?
- a) Diariamente
 - b) 3 vezes por semana.
 - c) 2 vezes por semana.
 - d) Raramente.
 - e) Nunca assisto.

APÊNDICE 10.5 : ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

INFORMAÇÕES GERAIS

Local: Sala de aula do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia

Dia:

Horário:

Duração: 1 hora

Perfil dos participantes: Jovens do 1º ano, com idades entre 13 e 16 anos.

Quantidade de grupos focais: 6 grupos

Quantidade de participantes:

Recursos: Projetor (Data Show); Gravador; Máquina fotográfica.

Registros: gravação, filmagem, fotografias.

INTRODUÇÃO

a) Boas-vindas.

b) Agradecimentos.

c) Apresentação geral do tema e da técnica:

- O que é um grupo focal;
- O que é esperado do grupo;
- Não é uma avaliação;
- Não existe resposta certa ou errada;
- Reforçar a importância da participação de todos;
- Insistir que falem um de cada vez, respeitando a fala do outro/a
- Confidencialidade;
- Regras de convivência nos encontros;
- Papel do auxiliar;
- Assinatura do TCLE para menores.

d) Dinâmica de apresentação dos participantes.

ATIVIDADE INICIAL

Será apresentado ao grupo um vídeo que esclarece um pouco sobre o telejornalismo policial. Sua trajetória nas emissoras brasileiras e algumas imagens e notícias de telejornais de Salvador. O nosso objetivo é deixar claro para os participantes sobre quais telejornais estaremos discutindo.

QUESTÃO NORTEADORA PARA INICIAR AS DISCUSSÕES

O que você acha do telejornalismo policial?

11.ANEXOS

ANEXO 11.1: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 1.472.770

grupos focais) e quantitativo (aspectos objetivos obtidos através dos questionários) apresenta as seguintes técnicas de pesquisa:

- aplicação de questionários objetivos - que buscam quantificar a popularidade dos programas de telejornalismo criminal, contribuindo também para a coleta de dados junto aos telejornais, (casos mais noticiados; tipos de violência apresentada, etc.);
- análise de edições dos programas escolhidos;
- aplicação de grupos focais - visando identificar os sentimentos, percepções e ideias dos participantes a respeito dos assuntos apresentados nos programas, criando um ambiente de compartilhamento de opiniões.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

"Analisar as representações sociais que os estudantes de bairros populares de Salvador fazem da violência na cidade tendo como referência os telejornais que tratam da criminalidade".

Objetivos Secundários:

- "Investigar qual o nível de visibilidade (audiência) dos telejornais que tratam da criminalidade entre os estudantes";
- Analisar as mensagens que são transmitidas por esses programas que venham a contribuir para o desenvolvimento de estereótipos e preconceitos;
- Analisar se a violência exposta pelos programas de telejornalismo criminal favorece a baixa-estima e a descrença em futuro melhor entre os jovens dos bairros periféricos de Salvador;
- Compreender se existe um sentimento de naturalização da violência entre os sujeitos pesquisados".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme informado pela pesquisadora, são os seguintes os riscos e benefícios do projeto:

Riscos:

"os riscos são mínimos, visto que não serão utilizadas técnicas de intervenção de qualquer espécie ligada aos sujeitos da pesquisa".

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205
Bairro: Federação **CEP:** 40.231-902
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 1.472.770

Benefícios:

“Proporcionar reflexões sobre o conteúdo jornalístico; Oferecer ao campo científico e escolar informações sobre a representação que os jovens fazem da violência”, contribuindo “com os estudos já realizados sobre o tema da violência que afeta a vida dos adolescentes”; “Relevância em tratar sobre o tema da violência com jovens estudantes”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A temática de estudo está relacionada à violência urbana, constituindo-se em tema de significativa relevância na atualidade. Busca perceber o impacto e a influência que os programas de telejornalismo exercem sobre o imaginário e a realidade de jovens moradores da periferia de Salvador, considerada como uma das capitais com maiores índices de violência urbana, abrangendo, em sua maioria, a população jovem, negra e de baixa renda. Desse modo, a pesquisa contribuirá para o entendimento da realidade local, servindo também como indicativo de análise para estudos mais amplos. Apresenta fundamentação teórica compatível, bem como metodologia de pesquisa bem delineada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em atendimento ao Parecer Consubstanciado emitido em 24/02/2016 a pesquisadora apresentou os seguintes documentos:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: o documento foi reapresentado e complementado, atendendo a Resolução 466/2012, relativamente à previsão e minimização dos riscos e benefícios; tempo de duração para o envolvimento do participante na pesquisa além do direito de se retirar do estudo, a qualquer momento, sem que isso represente qualquer tipo de penalidade ou prejuízo para o mesmo.
2. Termo de Assentimento – o documento foi apresentado, atendendo a Resolução 466/2012, por tratar-se de pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com idades entre 13 e 16 anos;
3. Instrumento de pesquisa – foi apresentado o questionário com as questões que serão aplicados aos estudantes.

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205
 Bairro: Federação CEP: 40.231-902
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br